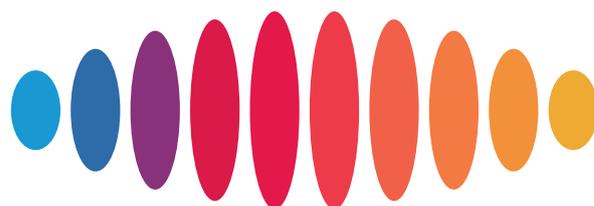


Caderno de Resumos



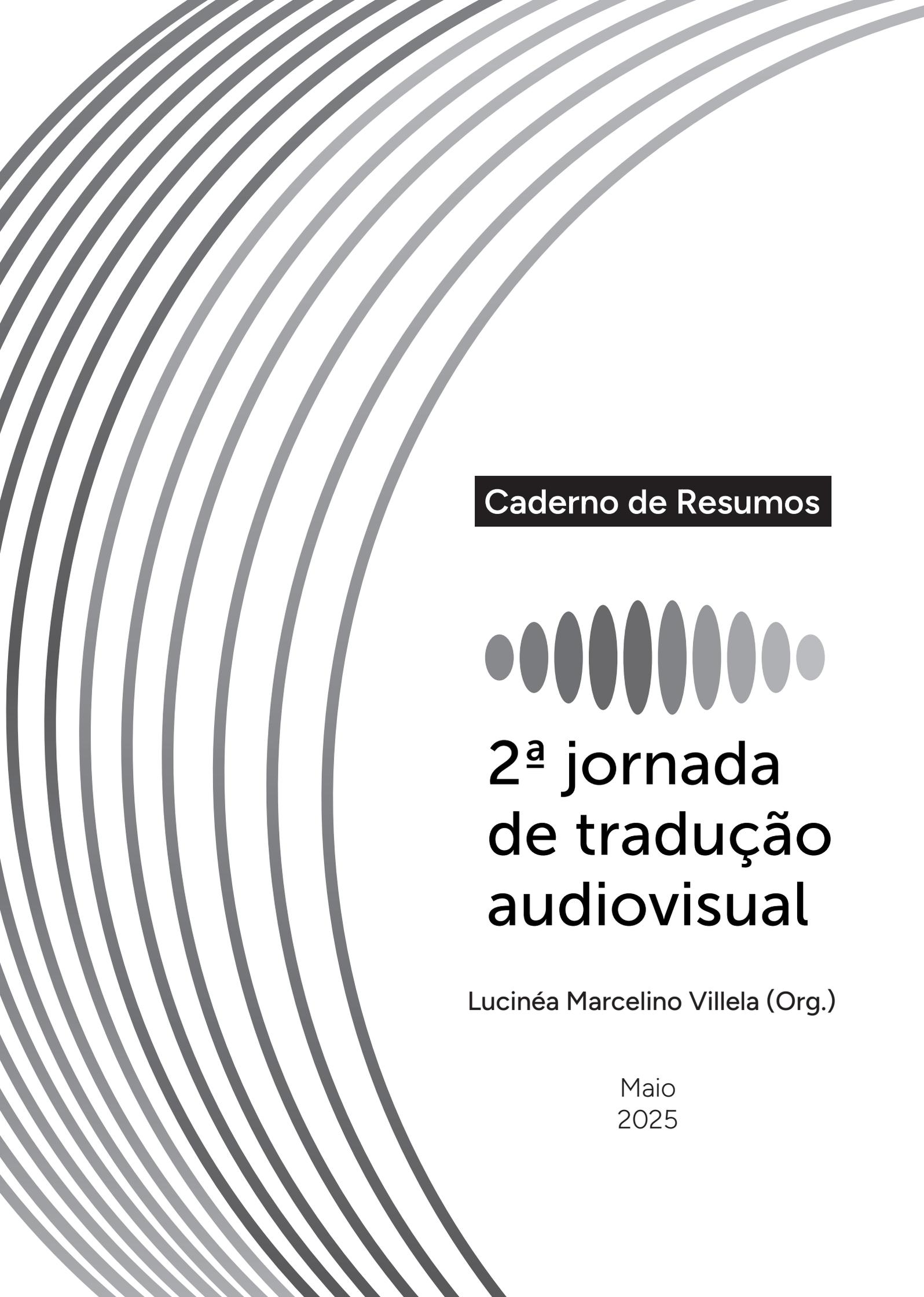
2ª jornada de tradução audiovisual

Lucinéa Marcelino Villela (Org.)

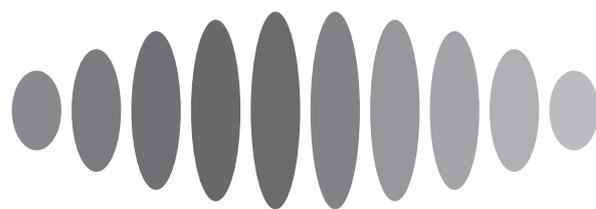
Realização

Apoio





Caderno de Resumos



**2ª jornada
de tradução
audiovisual**

Lucinéa Marcelino Villela (Org.)

Maio
2025

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Jornada de Tradução Audiovisual
(2. : 2025 : Bauru, SP)
Caderno de Resumos 2ª Jornada de Tradução
Audiovisual [livro eletrônico] / Lucinéa Marcelino
Villela (org.). -- Bauru, SP : Universidade Estadual
Paulista, Faculdade de Arquitetura, Artes e
Comunicação, 2025.

PDF

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-88287-24-8

1. Acessibilidade 2. Comunicação 3. Dublagem
4. Inclusão social 5. Linguagem audiovisual
I. Villela, Lucinéa Marcelino. II. Título.

25-274764

CDD-302.234

Índices para catálogo sistemático:

1. Linguagem audiovisual : Meios de
comunicação : Sociologia 302.234

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Editora FAAC – UNESP – Editora da Faculdade de Arquitetura
Artes, Comunicação e Design da Universidade Estadual Paulista
"Júlio de Mesquita Filho"

Av Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, 10-41
Campus Bauru – Bauru – SP
Cep. 17.033-360
Fone: (14)3103-6000 / 6050

LUCINÉA MARCELINO VILLELA
(Org.)

Caderno de Resumos
2ª Jornada de Tradução Audiovisual

1ª Edição
FAAC - UNESP
2025

ISBN

978-65-88287-24-8

Comissão Organizadora

Profa. Dra. Lucinéa Marcelino Villela (FAAC/UNESP) (Coordenadora MATAV/JOTAV)

Profa. Dra. Profa. Angélica Karim Garcia Simão (IBILCE/UNESP)

Prof. Dr. Marcelo Concario (FAAC/UNESP)

Prof. Dr. Marcos Américo (FAAC/UNESP)

Profa. Dra. Tamara de Souza Brandão Guaraldo (FAAC/UNESP)

Comissão Científica

Profa. Dra. Angélica Karim Garcia Simão (IBILCE/UNESP)

Prof. Dr. Arlindo Rebechi Júnior (FAAC/UNESP)

Prof. Dr. Gustavo Soranz Gonçalves (FAAC/UNESP)

Prof. Dr. Lauro Maia Amorim (IBILCE/UNESP)

Profa. Dra. Lúcia Pereira Leite (FC/UNESP)

Profa. Dra. Lucinéa Marcelino Villela (FAAC/UNESP)

Prof. Dr. Marcelo Concário (FAAC/UNESP)

Prof. Dr. Marcos Américo (FAAC/UNESP)

Prof. Dra. Suely Maciel (FAAC/UNESP)

Profa. Dra. Tamara de Souza Brandão Guaraldo (FAAC/UNESP)

Profa. Dra. Vera Lúcia Santiago Araújo (UECE)

Comissão de Apoio: discentes e colaboradores externos

Allana Valle Goi (RTVI-UNESP)

Ana Laura Dias (PPGEL/UNESP)

Ana Luiza Verotti Farah Simony (RTVI-UNESP)

Apolo Matheus Delcol Ribeiro (RTVI-UNESP)

Eduardo Ken Ito de Araújo (RTVI-UNESP)

Elis da Silva Mariano (RTVI-UNESP)

Erick Matheus Ribeiro de Andrade (RTVI-UNESP)

Fernanda Lima da Silva (RTVI-UNESP)

Gustavo Gambaro Salvador (RTVI-UNESP)

Henrique Dezem Von Ah (RTVI-UNESP)

João Octávio Lourenço (RTVI-UNESP)

Julia Martins Honorato (PPGEL/UNESP)

Larissa Pedroso de Almeida (Tradução/UNESP)

Luiz Cláudio Silva Nascimento (RTVI-UNESP)

Maria Fernanda Correia de Souza (RTVI-UNESP)

Taís Braga Negri (RTVI-UNESP)

Realização

Grupo de Pesquisa Mídia Acessível e Tradução Audiovisual

Organização

Lucinéa Marcelino Villela

Parceiros

Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC)

Departamento de Ciências Humanas (DCHU)

PET RTVI

Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL-IBILCE)

Programa de Pós-Graduação em Mídia e Tecnologia (PPGMit)

Diagramação, Projeto Gráfico e Capa

Guilherme Cardoso Contini

O conteúdo, as referências bibliográficas e a revisão de cada capítulo são de inteira responsabilidade de seu respectivo autor.



Licença Creative Commons de Atribuição-
NãoComercial-Compartilhalgal CC BY-NC-SA.
Esta licença permite que outros remixem, adaptem e
criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais,
desde que atribuam a você o devido crédito e que
licenciem as novas criações sob termos idênticos.
Para visualizar uma cópia desta licença, visite [http://
creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/](http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).

INTRODUÇÃO

A segunda edição da Jornada de Tradução Audiovisual (JOTAV), realizada entre os dias 14 e 16 de maio de 2025, apresentou inovações e adaptações em relação à sua primeira edição, ocorrida em 2023. O tema central, **“As conexões humanas no audiovisual”**, foi um dos focos da conferência de abertura, proferida pelo pesquisador Pablo Romero-Fresco, da Universidade de Vigo. A palestra abordou a natureza, por vezes paradoxal, do contexto de inovação nas mídias e no audiovisual, em que a inteligência artificial emerge ora como aliada, ora como ameaça às práticas humanas nesse campo.

As palestrantes convidadas, Gabriela Scandura (Universidade de Buenos Aires) e Liliana Tavares (Recife), trouxeram importantes contribuições sobre duas modalidades relevantes da tradução audiovisual: dublagem e audiodescrição. Além disso, as oficinas, realizadas de forma presencial e online, buscaram promover experiências práticas no campo da dublagem, da audiodescrição e do design, que passam a ser compreendidos como instrumentos de inclusão social.

No total, foram apresentadas 31 Comunicações Orais, distribuídas em cinco sessões temáticas: audiodescrição, dublagem, legendagem, comunicação acessível e temas diversos. Os trabalhos representaram quatro estados brasileiros — Ceará, Pernambuco, São Paulo e Santa Catarina — além de dois países europeus: Espanha e Polônia. Destaca-se que a audiodescrição foi a área com o maior número de trabalhos apresentados (12), seguida pela legendagem, dublagem e por apresentações voltadas à acessibilidade nas áreas de comunicação, mídia, tecnologia e jornalismo audiovisual.

Em consonância com tendências globais, a programação incluiu apresentações sobre inteligência artificial, videogames, animes e a cultura K-pop. Com o objetivo de ampliar o alcance da JOTAV, além do português, foram aceitas comunicações em língua espanhola, com mediação da Profa. Dra. Angélica Karim Garcia Simão, docente de espanhol do campus da UNESP de São José do Rio Preto. No que se refere à acessibilidade, o evento contou com interpretação em LIBRAS e com a inserção de legendas automáticas nas palestras.

Para as próximas edições, pretende-se ampliar a oferta de idiomas, com o intuito de incentivar a participação de países da América Latina e de outros continentes.

SUMÁRIO

Sessão 01 - Trabalhos apresentados em espanhol

Traducción audiovisual en la sociedad actual: IA, redes sociales y Donald Trump <i>Alejandro Sevillano Martín</i>	14
Los patrones de atención en audiodescripción. Un estudio de eye-tracker con expertos y no expertos <i>Alejandro Romero-Muñoz</i>	16
El concepto de “lenguaje neutro” en la audiodescripción en español <i>Verónica Del Valle Cacela</i>	18
La comparación entre la traducción humana y la automatizada de chistes culturales en la serie polaca ‘1670’ <i>Martyna Wac-Pietrzyk</i>	20
Euskera en la Traducción Audiovisual: La IA frente a las Lenguas Minorizadas <i>Sandra Waleszkiewicz</i>	22

Sessão 02 - Comunicações presenciais

Produção Audiovisual Acessível: inovações pedagógicas <i>Lucinéa Marcelino Villela</i>	25
Um estudo de tradução comparada do dialeto de Yorkshire na obra Wuthering Heights, de Emily Brontë <i>Lídia Dobon Pardini</i> <i>Valéria Biondo</i>	27
Acessibilidade nas publicações especializadas em viagem e turismo no Brasil para pessoas com deficiência visual <i>Isabelle Corrêa de Souza</i> <i>Suely Maciel</i>	29
Jornalismo comunitário e Leitura Fácil: acessibilidade à comunicação e à informação feita com e para a comunidade <i>Gabriel Andrade Domingues Rezende</i> <i>Suely Maciel</i>	31

Moda e audiodescrição: estudo exploratório sobre a pesquisa no Brasil e Portugal

Barbara Viotto do Carmo

Suely Maciel33

Sessão 03 - Audiodescrição

Audiodescrição como recurso de inclusão no ensino de física: desafios e perspectivas

Matias Domingos Braço

Suely Maciel.....36

Acessibilidade no museu: uma proposta de audiodescrição da Casa Sede do Museu do Café

Donizeti Aparecido Custodio

Leila Maria Gumushian Felipini.....38

Validação de um modelo de audiodescrição em notas introdutórias para personagens, cenários e objetos em games

Guilherme Mori Magalhães

Suely Maciel40

Uma análise da audiodescrição dos fatalities do jogo Mortal Kombat 1 (2023)

Larissa Pedroso de Almeida

Lucinéa Marcelino Villela42

A fruição de obras de arte por pessoas com limitação sensorial visual: análise do roteiro de audiodescrição de Conselheiro Pregando Sertão Adentro

Neyara Rebeca Barroso Lima

Kethleen de Almeida Claudino44

Sessão 04 - Legendagem

O que incomoda e o que se espera da tradução de palavrões na legendagem?: Um estudo sobre as preferências do público consumidor

Willian Moura.....47

Da legendagem tradicional à LFC: ampliando a acessibilidade no audiovisual

Ana Laura Dias.....49

Lucinéa Marcelino Villela

A violência verbal na tradução para legendagem de Sex Education <i>Julia Martins Honorato</i> <i>Cláudia Zavaglia</i>	51
Análise preliminar das legendas automática gerada pelo aplicativo CapCut em vídeos verticais <i>Alexssandro da Silva Pereira</i> <i>Alexandra Frazão Seoane</i>	53
Legendagem humana e legendagem automática pós-editada: análise da percepção de qualidade pela audiência <i>Arlene Koglin</i>	55
Legendagem para surdos e ensurdecidos (LSE) no ensino de língua portuguesa para surdos <i>Mariana Costa Araújo</i>	57
Legendagem para surdos e ensurdecidos (LSE) para o curta metragem "Geri's game", da Pixar como atividade da disciplina extensionista "Prática da Tradução: Audiovisual" <i>Thiago Henrique de Oliveira</i> <i>Atalita Íris Ferreira Incao</i>	59
 Sessão 05 - Várias temáticas	
A audiodescrição (AD) como prática inclusiva na tradução audiovisual <i>Felipe Lorca</i> <i>Lívia Clara Carvalho Picinin</i>	62
Desafios na audiodescrição da obra "O menino, a toupeira, a raposa e o cavalo": gravação e edição <i>Beatriz Carvalho Genebra</i> <i>Lídia Dobon Pardini</i>	64
Desenho de uma interface possível: as relações entre a acessibilidade e a inclusão e o campo das Relações Públicas e da Comunicação Organizacional <i>Guilherme Ferreira de Oliveira</i> <i>Roseane Andrelo</i>	66
Audiodescrição no jornalismo digital: democratização da informação <i>Gabrielly Nicolly dos Santos Silva Morais</i> <i>Laura dos Santos Bardella</i>	70

O papel do tradutor no sucesso do grupo BTS: uma análise da tradução de letras de canções do septeto	
<i>Giovana Barbosa Guerra</i>	
<i>Leila Maria Gumushian Felipini</i>	72

O papel da Tradução Jornalística na formação da opinião pública global	
<i>Maria Angélica Deângeli Arni</i>	
<i>Melissa Alves Baffi-Bonvino</i>	74

Oficinas

Oficina 01 - Princípio de audiodescrição de videogames	
<i>Larissa Pedroso de Almeida</i>	77

Oficina 02 - Doblaje y géneros audiovisuais	
<i>Gabriela Scandura</i>	78

Oficina 03 - É rir para não chorar: Os desafios da tradução do humor na dublagem	
<i>Marun Reis</i>	79

Oficina 04 - Audiodescrição e legendagem na linguagem de fácil compreensão	
<i>Ana Laura Dias</i>	
<i>Daniela C. Carvalho Souza</i>	80

Oficina 05 - Design, Acessibilidade e Inclusão	
<i>Luís dos Santos Miguel</i>	
<i>Guilherme Cardoso Contini</i>	81



Sessão 01

Trabalhos apresentados

em espanhol

TRADUCCIÓN AUDIOVISUAL EN LA SOCIEDAD ACTUAL: IA, redes sociales y Donald Trump

Alejandro Sevillano Martín (Universidad de Salamanca- España)

e-mail: alejasm13@hotmail.com

El objetivo del trabajo es demostrar la existencia de una relación causal bidireccional entre la traducción audiovisual presente en medios de comunicación y redes sociales y la realidad política y social de nuestros días. El estudio se basa en la idea de que el desarrollo tecnológico que ha impulsado la globalización a lo largo del siglo XXI ha revolucionado el mercado simbólico (Wolf y Fukari 2007) de la traducción audiovisual en el campo político y ha modificado el peso de las variables, agentes y restricciones que determinan el problema de optimización (Tversky y Kahneman, 1981) al que se enfrenta cada traductor. En particular, tecnologías como la traducción automática y la IA han transformado por completo la labor de traducción y el doblaje del texto original en formato audiovisual y multimodal de figuras como Donald Trump. Asimismo, la traducción audiovisual adquiere una importancia vital para la diseminación de determinadas narrativas políticas (Baker, 2006; Tymoczko 2000; 2007; 2009) en una actualidad política y periodística gobernada por las redes sociales. En esta comunicación, analizaremos esta relación bidireccional entre política y traducción audiovisual en dos fragmentos de traducción audiovisual concretos: el publicado por el Daily Mail en TikTok, en el que Trump aseguraba que Kamala Harris no iba a ser la primera presidenta de los EE. UU.; y el publicado por CNN en español en Youtube, en el que el actual presidente estadounidense dice que inmigrantes en Springfield, Illinois comen perros y gatos. En un sentido, comprobaremos cómo diversas soluciones de subtítulo y doblaje de ambos fragmentos revelan la composición del mercado simbólico global que rige la labor. En el contrario, veremos cómo dichas soluciones contribuyen a la diseminación de narrativas en el campo político y mediático español. Se buscará demostrar el desequilibrio entre la importancia de la traducción audiovisual y la posición marginal del agente traductor audiovisual en el mercado simbólico de la traducción audiovisual de 2025 y medidas para su reducción.

Palabras Clave: IA, subtítulo, Trump, TikTok, Youtube.

Referencias

BAKER, M. **Translation and Conflict: A Narrative Account**. London: Routledge, 2006.

TVERSKY, A. A. D. K.; KAHNEMAN, D. The Framing of Decisions and the Psychology of Choice. **Science**, v. 211, n. 4481, p. 453-458, enero 1981. Disponible en: <http://www.jstor.org/stable/1685855>.

TYMOCZKO, M. **Enlarging Translation, Empowering Translators**. Manchester: St. Jerome, 2007.

TYMOCZKO, M. Translation and Political Engagement: Activism, Social Change and the Role of Translation in Geopolitical Shifts. **The Translator**. v.6, n.1, p.23–47, 2000.

TYMOCZKO, M. **Translation, Ethics and Ideology in a Violent Globalizing World**, 2009.

WOLF, M. y FUKARI, A. **Constructing a Sociology of Translation**. John Benjamins Publishing, 2007.



LOS PATRONES DE ATENCIÓN EN AUDIODESCRIPCIÓN. Un estudio de eye-tracker con expertos y no expertos

Alejandro Romero-Muñoz (Universitat Jaume I- Castellón- España)

e-mail: alromero@uji.es

La audiodescripción (AD) es una modalidad de traducción audiovisual (TAV) y accesibilidad audiovisual que proporciona una narración verbal de elementos visuales en productos y eventos audiovisuales para ayudar a personas ciegas o deficientes visuales. Tradicionalmente, la AD se ha guiado por estándares de calidad, normas o guías de carácter prescriptivo (AENOR, 2005; Snyder, 2014; Netflix, 2024) y descriptivo (Remael, Reviere, & Vercauteren, 2014) que garantizan una cierta homogeneidad. Estos estándares regulan qué y cómo se audiodescribe. Sin embargo, existe un creciente interés académico por alternativas desde metodologías descriptivas (Fryer & Freeman, 2012; Jankowska, 2015; Bardini, 2020; and Soler Gallego & Luque Colmenero, 2023) y experimentales (Ramos Caro, 2016; Rojo López et al., 2021; González & Jankowska, 2024). Así, este estudio tuvo como objetivo investigar si existen diferencias en los patrones de atención entre expertos y no expertos en AD mediante un experimento de eye-tracker con participantes normovidentes. El eye-tracker permite analizar dónde y durante cuánto tiempo se fija la mirada en elementos específicos, lo cual proporciona información sobre el procesamiento cognitivo y la atención. Al comparar el comportamiento visual de futuros audiodescriptores (expertos) con personas sin conocimiento alguno en AD (no expertos), el estudio buscó determinar si la formación profesional podía influir en los patrones de atención. Por lo que respecta a los resultados, tanto los participantes expertos como los no expertos parecen fijar la atención de manera sistemática en los mismos elementos visuales y mostraron patrones de atención estadísticamente idénticos. Esto sugiere la presencia de un sesgo de atención inherente, donde las personas normovidentes, independientemente de su nivel de formación, tienden de forma natural centrar la atención en determinados elementos visuales. Estos datos tendrían implicaciones para la práctica de la AD, ya que sugiere que los patrones de atención pueden estar más influidos por tendencias cognitivas innatas que por la formación especializada. Futuras investigaciones podrían explorar si estos sesgos coinciden con las necesidades del público primario de la AD y como esta modalidad podría optimizarse.

Palavras Clave: Audiodescripción, estudios experimentales, eye-tracker, patrón de atención, traducción audiovisual.

Referencias

AENOR. (2005). **Norma UNE 153020**: Audiodescripción para personas con discapacidad visual. Requisitos para la audiodescripción y elaboración de audioguías. 2005.

AUDIO Description Style Guide (v2.5). Remael, Reviere, and Vercauteren. **NETFLIX**, 2024. Disponible en: <https://partnerhelp.netflixstudios.com/hc/en-us/articles/215510667-Audio-Description-Style-Guide-v2-5>.

BARDINI, F. **La transposició del llenguatge cinematogràfic en l'audiodescripció i l'experiència fílmica de les persones amb discapacitat visual**. 2020. Tesis Doctorals (Doctorals en Xarxa TXD) – Universitat de Vic, 2020. Disponible en: <https://www.tesisenred.net/handle/10803/669901#page=1>.

FRYER, L.; FREEMAN, J. Cinematic language and the description of film: Keeping AD users in the frame. **Perspectives: Studies in Translatology**, v.21, n.3, p.412–426, 2012. Disponible en: <https://doi.org/10.1080/0907676X.2012.693108>.

GONZÁLEZ, C.; JANKOWSKA, A. Measuring psychological immersion through cardiovascular response measures in subtitled films. **Translation, Cognition & Behavior**, v.7 n.1, p. 90–115, 2024. Disponible en: <https://doi.org/10.1075/tcb.00090.gon>.

JANKOWSKA, A. Translating audio description scripts. **Translation as a new strategy of creating audio description**. Peter Lang, 2015.

RAMOS CARO, M. Testing audio narration: the emotional impact of language in audio description. **Perspectives**, v.24, n.4, p. 606–634, 2016. Disponible en: <https://doi.org/10.1080/0907676X.2015.1120760>.

ROJO LÓPEZ, A. M.; RAMOS CARO, M.; ESPÍN LÓPEZ, L. Audio Described vs. Audiovisual Porn: Cortisol, Heart Rate and Engagement in Visually Impaired vs. Sighted Participants. **Frontiers in Psychology**, v.12, 2021. Disponible en: <https://doi.org/10.3389/FPSYG.2021.661452>.

SNYDER, J. **The Visual Made Verbal: A Comprehensive Training Manual and Guide to the History and Applications of Audio Description**. American Council of the Blind, 2014.

SOLER GALLEGO, S., LUQUE COLMENERO, M. O. Increased Subjectivity in Audio Description of Visual Art: A Focus Group Reception Study of Content Minimalism and Interpretive Voicing. **Journal of Audiovisual Translation**, v.6, n.2, p. 55–76, 2023. Disponible en: <https://doi.org/10.47476/jat.v6i2.2023.248>.

EL CONCEPTO DE “LENGUAJE NEUTRO” EN LA AUDIODESCRIPCIÓN EN ESPAÑOL

Verónica Del Valle Cacela (Universidad Maria Curie-Skłodowska, Lublin, Polonia)

e-mail: veronica.delvallecacela@mail.umcs.pl

La relevancia que ha cobrado la traducción audiovisual en los últimos años ha provocado que se multiplique el interés por el estudio de cada uno de los servicios que conforman esta especialidad. Sin embargo, todavía es necesario ahondar en cuestiones relativas a la accesibilidad como el caso de la audiodescripción. El principal objetivo de esta presentación es vislumbrar qué se entiende por español neutro cuando realizamos una audiodescripción. En este sentido, debemos considerar diversos aspectos: 1) la lengua española es pluricéntrica; 2) los servicios de traducción audiovisual se suelen proporcionar con dos variantes, a saber, la latina y la europea; 3) la normativa sobre audiodescripción todavía está pendiente de desarrollarse. Con respecto a nuestro primer punto, la lengua española, en la actualidad, es oficial en 21 países. La mayoría de ellos se encuentran en el continente americano a los que hay que añadir España en Europa y Guinea Ecuatorial en África. Debido a esta diversidad, se conciben diferentes variedades del español que contrastan desde el punto de vista tanto gramatical, en el sentido más amplio, como social. De ahí, y pasamos el segundo punto, que cuando estamos ante productos audiovisuales con traducción en lengua española, se haya optado por ofrecerlos en dos versiones: la latina y la europea (Mazzitelli y Garrido Domené, 2019). Con respecto a la latina, también existen autores que la denominan neutra (Gutiérrez Maté, 2017; López González, 2019). Esto se debe a que se emplea una única versión en español destinada a todos los países hispanoamericanos por lo que este lenguaje debe prescindir de cualquier característica local que pueda hacer que se identifique con un país en concreto. Sin embargo, en España, con neutro, se va a hacer referencia a un lenguaje carente de marca identificativa con respecto a los distintos acentos que conviven en el propio país. Justamente, con respecto a la audiodescripción, España cuenta con la normativa UNE 153020 de 2005 en la que se basan otras normativas y que también aporta otra visión de neutro. Por ello, analizaremos diversas películas de Netflix y Disney+ para comprobar qué caracteriza a este español neutro desde el punto de vista lingüístico así como verificar cómo afecta en la percepción de la audiodescripción en este idioma. El resultado de este análisis nos aportará información relevante con respecto a la diferencia en la audiodescripción para público adulto o infantil (Leal Abad, 2016).

Palavras Clave: audiodescripción, adquisición del lenguaje, español neutro, lenguaje infantil, variedades del español.

Referencias

GUTIÉRREZ MATÉ, Miguel. El llamado español latino de los doblajes cinematográficos en la encrucijada entre el español mexicano, el español general y el español neutro. En: Silke Jansen & Gesine Müller (Eds.), **La traducción desde, en y hacia Latinoamérica: perspectivas literarias y lingüísticas**, p. 247–274. Madrid, Frankfurt am Main, Iberoamericana, Vervuert, 2017.

LEAL ABAD, Elena. La oralidad fingida en la animación infantil. La reducción de la cota de variación lingüística y la explotación discursiva de las variedades dialectales. En: José Jesús de Bustos Tovar, Rafael Cano Aguilar, Elena Méndez Garica de Paredes & Araceli López Serena (Eds.), **Sintaxis y análisis del discurso hablado en español**. Homenaje a Antonio Narbona, p. 259-274. Sevilla, Universidad de Sevilla, 2016.

LÓPEZ GONZÁLEZ, Antonio María. Español neutro — español latino: Hacia una norma hispanoamericana en los medios de comunicación. **Roczniki Humanistyczne**, v.67, n.5, p. 7-27, 2019.

MAZZITELLI, Chiara; DOMENÉ, Fuensanta Garrido. Las variedades del español a través del doblaje cinematográfico. **Anuario de Letras. Lingüística y Filología**, v.7, n.2, p. 63-82, 2019.

UNA NORMA ESPAÑOLA. **UNE 153020:2005**: Audiodescripción para personas con discapacidad visual. Requisitos para la audiodescripción y elaboración de audioguías. Disponible en: <https://www.une.org/encuentra-tu-norma/busca-tu-norma/norma?c=N0032787>. Consultado en: 04 fev. 2025.

LA COMPARACIÓN ENTRE LA TRADUCCIÓN HUMANA Y LA AUTOMATIZADA DE CHISTES CULTURALES EN LA SERIE POLACA '1670'

Martyna Wac-Pietrzyk (Universidad de Maria Curie-Skłodowska- Lublin, Polonia)

e-mail: lmartynawacl@wp.pl

El presente estudio se centra en el análisis comparativo de la traducción de chistes con marcada carga cultural, extraídos del serial polaco "1670", al español, utilizando dos enfoques: la traducción humana y la generada por inteligencia artificial. En este trabajo se examinan las particularidades que involucran la adaptación de humor, resaltando los desafíos de trasladar juegos de palabras, expresiones idiomáticas y referencias culturales esenciales para conservar la efectividad del chiste en el idioma de destino. La traducción humana destaca por su capacidad para interpretar matices emocionales y culturales, permitiendo una adaptación flexible que responde a las expectativas del público hispanohablante. Los traductores experimentados aplican estrategias de localización y creatividad que facilitan la conservación del sentido humorístico original, a pesar de las diferencias culturales entre la fuente polaca y el receptor. Por otro lado, la traducción automatizada mediante inteligencia artificial ofrece ventajas en términos de velocidad y consistencia, pero enfrenta serias limitaciones al momento de captar la ambigüedad y la riqueza cultural inherentes a ciertos chistes. Frecuentemente, los algoritmos no logran interpretar adecuadamente los dobles sentidos ni las sutilezas propias del humor, lo que puede provocar una pérdida significativa del efecto cómico. El estudio se apoya en un análisis detallado de fragmentos seleccionados del serial, evidenciando que, pese a los avances tecnológicos, la intervención humana sigue siendo fundamental para lograr una traducción culturalmente fiel. Se concluye que un enfoque híbrido, que combine la eficiencia de la inteligencia artificial con la sensibilidad y creatividad del traductor humano, podría representar la solución ideal para los desafíos actuales en la traducción de contenido humorístico. En definitiva, esta investigación subraya la importancia de reconocer las fortalezas y limitaciones de ambos métodos, proponiendo un modelo colaborativo que asegure una adaptación eficaz y respetuosa de la intención cómica original en contextos interculturales.

Palavras Clave: doblaje, inteligencia artificial, traducción audiovisual, traducción cultural.

Referencias

BOTELLA TEJERA, Carla. Aproximación al Estudio del Doblaje y la Subtitulación desde la Perspectiva Prescriptivista y Descriptivista. **Tonos Digital: Revista de Estudios Filológicos**, v.13, 2007.

CHAUME, Frederic. Estrategias y técnicas de traducción para el ajuste o adaptación en el doblaje. *In: **Trasvases culturales: Literatura***. Cine. Traducción, edited by Raquel Merino, J.M. Santamaría, and Eterio Pajares, p. 145-153. Gipuzkoa: Servicio Editorial de la Universidad del País Vasco, 2003.

DÍAZ-CINTAS, Jorge. Teoría y traducción audiovisual. *In: **La traducción audiovisual: investigación, enseñanza y profesión***, p. 8-19. Granada: Editorial Comares, 2005.

SZYNDLER, Agnieszka. ¿Son las unidades fraseológicas un hueso duro de roer para un traductor? Reflexiones sobre la traducción de la fraseología desde una perspectiva cultural y pragmática. *In: **Encuentros entre lenguas, literaturas y culturas de los territorios luso-hispanos: perspectivas diferentes***, edited by Joanna Wilk-Racięska, Anna Nowakowska-Głuszek y Cecylia Barbara Tatoj, p. 222-245. Prace Naukowe Uniwersytetu Śląskiego en Katowicach, n. 3177. Katowice: Wydawnictwo Uniwersytetu Śląskiego, 2024.

ZABALBEASCOA, Patrick. La Traducción del Humor en Textos Audiovisuales. *In: **La Traducción para el Doblaje y la Subtitulación***, edited by Miguel Duro, p. 251-263. Madrid: Cátedra, 2001.

EUSKERA EN LA TRADUCCIÓN AUDIOVISUAL: La IA frente a las Lenguas Minorizadas

Sandra Waleszkiewicz (Universidad de Maria Curie-Skłodowska- Lublin, Polonia)

e-mail: s.waleszkiewicz@o2.pl

La globalización del contenido audiovisual ha impulsado la demanda de traducción audiovisual, incluyendo doblaje, subtitulación y accesibilidad. Sin embargo, las lenguas minorizadas, como el euskera, enfrentan desafíos específicos debido a la baja rentabilidad para la industria y la falta de inversión en traducción de calidad. La creciente dependencia de la inteligencia artificial en la traducción audiovisual ha generado un debate sobre la calidad del contenido traducido y el impacto en los profesionales del sector. En este trabajo, se analiza la presencia del euskera en plataformas de streaming y los problemas asociados con la traducción en esta lengua. Aunque la digitalización ha aumentado la disponibilidad de contenido en euskera, la presión por reducir costos ha llevado a un uso frecuente de traducción automática sin supervisión. Esto ha resultado en errores lingüísticos, pérdida de referencias culturales y una disminución en la calidad del contenido audiovisual. La parte práctica del trabajo se centra en un análisis comparativo entre una traducción profesional y una traducción automática. Se examinan aspectos clave como la precisión lingüística, la fidelidad cultural y la calidad técnica. A través de ejemplos concretos, se demuestra cómo los errores en la traducción audiovisual pueden afectar la comprensión y percepción del contenido en euskera. También se presentan datos sobre el impacto de la inteligencia artificial en la traducción audiovisual y los errores recurrentes en su aplicación sin supervisión humana. Finalmente, se discuten las implicaciones de la precarización en la traducción audiovisual de lenguas minorizadas y se proponen soluciones para garantizar traducciones de calidad. Se enfatiza la necesidad de regular el uso de inteligencia artificial en la traducción audiovisual, combinando tecnología con revisión humana. En conclusión, aunque el streaming representa una oportunidad para la visibilización del euskera, es fundamental encontrar un equilibrio entre productividad y calidad para evitar la degradación lingüística y cultural.

Palavras Clave: Euskera, Inteligencia Artificial, lenguas minorizadas, streaming, traducción audiovisual.

Referencias

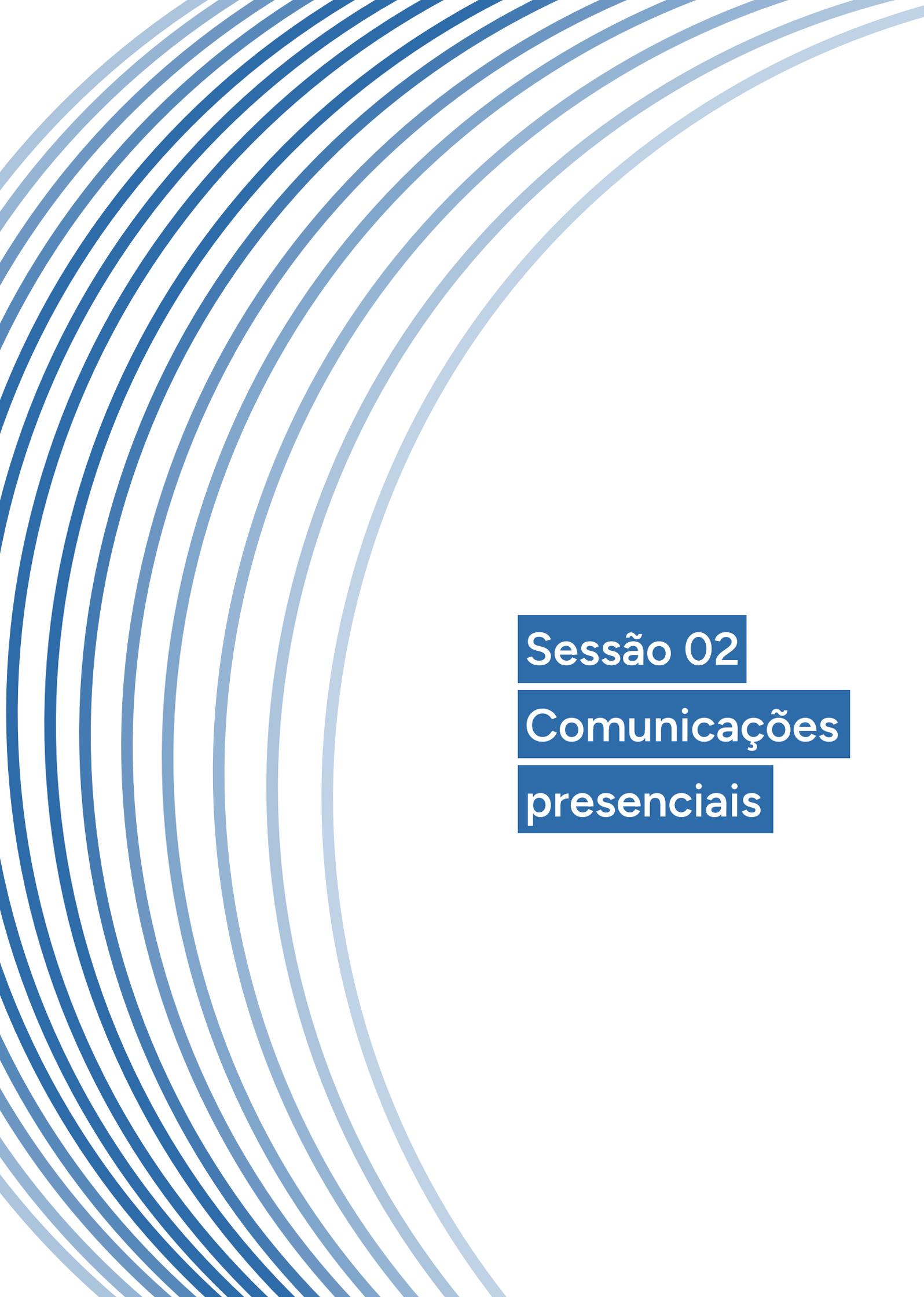
AGIRRE, Kepa. Lenguas minoritarias en streaming: el caso del cine en euskera en Netflix. **Communication & Society**, v. 34, n.3. p.103-115, 2021.

BARAMBONES ZUBIRIA, Josu. Lenguas minoritarias y traducción: La traducción audiovisual en euskera. **Castelló de la Plana: Publicacions de la Universitat Jaume I**, 2012.

DÍAZ CINTAS, Jorge; REMAEL, Aline. Audiovisual Translation: Subtitling. London & New York: Routledge, 2007.

FERNÁNDEZ DE ARROYABE OLAORTUA, Aitor; SESUMAGA, Leire Eguskiza; ARRILLAGA, Idoia Lazkano. El futuro de las lenguas minoritarias en Internet en manos de los jóvenes prosumidores. El caso vasco. **Cuadernos.info**, v.46 p.367-396, 2020.

MANTEROLA AGIRREZABALAGA, Elizabete. Evolución del cine en euskera y su traducción. Multilingüismo y representación de las identidades en textos audiovisuales / Multilingualism and Representation of Identities in Audiovisual Texts. Eds. María Pérez L. de Heredia e Irene de Higes Andino. **MonTI Special Issue**, v. 4, p.113-144, 2019.



Sessão 02

Comunicações

presenciais

PRODUÇÃO AUDIOVISUAL ACESSÍVEL: inovações pedagógicas

Lucinéa Marcelino Villela (Universidade Estadual Paulista)

e-mail: lucinea.villela@unesp.br

O trabalho propõe apresentar alguns resultados obtidos no processo de implantação de uma disciplina no contexto de ensino superior com enfoque em produção audiovisual acessível, inspirada na abordagem de Accessible Filmmaking (Pablo Romero-Fresco, 2019). Assim como em muitos países europeus e latino-americanos, no Brasil, a formação nas áreas de cinema e de produção audiovisual ocorre, na maioria das vezes, em cursos universitários que duram em média quatro anos. Na maioria dos currículos não há formalmente um espaço para inserir o conteúdo teórico e prático sobre acessibilidade, o que acaba resultando na falta de interação entre realizadores, equipe de acessibilidade, tradutores e usuários, conforme a tabela de Greco, adaptada por Brenson (2018). A distância entre produtores e equipes de acessibilidade, mencionada nos estudos de Romero-Fresco (2019), causa uma falta de reconhecimento da necessidade de tornar os produtos audiovisuais acessíveis desde sua produção. No caso específico do Brasil, a partir de 2015, com a criação da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, todas as produções nacionais obrigatoriamente precisam incluir audiodescrição (AD), legendagem para surdos e ensurdecidos (LSE) e LIBRAS. Embora as normativas existam e tenham trazido uma busca inédita por profissionais da área de acessibilidade, não há uma tendência acadêmica para promover a conscientização de diretores e produtores, cabendo, portanto, a poucos pesquisadores com uma visão mais multidisciplinar as iniciativas dessa implantação. O estudo de caso apresentado é fruto de uma mudança curricular de um curso de Rádio, Televisão e Internet, ocorrida em 2019, e que possibilitou a adaptação de uma das disciplinas para a inclusão de conteúdos sobre acessibilidade audiovisual. Para iniciar os alunos nesse campo de conhecimento, são estudados os conceitos de Accessible Filmmaking (Romero-Fresco 2013, 2019), Media Accessibility (Díaz-Cintas, 2005) e, mais recentemente, a visão dos Estudos da Acessibilidade por Greco (2019). Somente após esse suporte teórico, os estudantes aprendem as modalidades de audiodescrição e legendagem para surdos e ensurdecidos. Em alguns anos desse novo projeto curricular, os seguintes resultados foram detectados: conscientização dos estudantes a respeito do importância da acessibilidade no processo de realização do audiovisual; capacitação em acessibilidade midiática, produção experimental de roteiros de audiodescrição e de legendas não convencionais (legendas para surdos e ensurdecidos e legendas criativas). Serão apresentados também os primeiros relatos de estudantes sobre o impacto que essa nova abordagem trouxe em sua formação.

Palavras-chave: ensino de tradução audiovisual, produção audiovisual acessível, tradução audiovisual.

Referências

DÍAZ-CINTAS, J. Audiovisual Translation Today—A question of accessibility for all. **Translating Today**, v.4, p. 3-5, 2005.

GRECO, G. M. The nature of accessibility studies. *Journal of Audiovisual Translation*, v.1, n.1, p. 205-232, 2018. Disponível em: <http://www.jatjournal.org/index.php/jat/article/view/51/10>.

GRECO, G. M. Towards a pedagogy of accessibility: The need for critical learning spaces in media accessibility education and training. **Linguistica Antverpiensia**, New Series: Themes in Translation Studies, v.18, n 23-46, 2019.

ROMERO-FRESCO, P. Accessible filmmaking: Joining the dots between audiovisual translation, accessibility and filmmaking. **The Journal of Specialised Translation**, v.20, 2013.

ROMERO-FRESCO, P. **Accessible filmmaking: Integrating translation and accessibility into the filmmaking process**. Routledge, 2019.

UM ESTUDO DE TRADUÇÃO COMPARADA DO DIALETO DE YORKSHIRE NA OBRA WUTHERING HEIGHTS, DE EMILY BRONTË

Lídia Dobon Pardini (UNISAGRADO, Bauru)

Valéria Biondo (UNISAGRADO, Bauru)

e-mails: lidiapardini@gmail.com / vbiondo@unisagrado.edu.br

A presença de variantes linguísticas na literatura costuma enriquecer a narrativa e os personagens, aumentando a verossimilhança e a riqueza da obra (Britto, 2021). Infelizmente, seja pelo desafio que elas representam para a tradução ou pelo preconceito linguístico, muitas variantes são substituídas pela norma culta. “Wuthering Heights”, de Emily Brontë é um exemplo deste apagamento. Publicado em 1847, o romance, que hoje é parte do cânone da literatura, apresenta alguns personagens falantes do dialeto de Yorkshire. A variante linguística teria características mais marcantes dos idiomas escandinavos falados durante as invasões vikings, na Baixa Idade Média (Carvalho, 2006). Segundo Venuti (2019), a tradução sempre transmite uma interpretação, o texto deixa de ser completamente estrangeiro para ser compreensível em um estilo doméstico. Portanto, durante os setenta e três anos que separaram a primeira publicação de “Wuthering Heights” no Brasil, em 1938, da primeira edição que contempla o dialeto, em 2011, o romance passou por duas domesticações: a da tradução e a do apagamento da variante. Como alternativa a essa postura, Venuti (2019) propõe que a tradução cultive o discurso heterogêneo, deixando que as línguas menores apareçam no texto. A pesquisa proposta pretende, através da análise comparativa e tendo como base o texto original, estudar o trabalho de três tradutoras: uma que substituiu o dialeto pela norma culta do português e duas que representaram o dialeto, com o objetivo de identificar os métodos utilizados para a tradução das falas do personagem Joseph. Entre os meses de setembro de 2024 e janeiro de 2025, foi feito levantamento bibliográfico de obras que pudessem embasar a pesquisa. E entre dezembro de 2024 e janeiro de 2025, foi feita a releitura do romance para identificação das falas. Cinco falas foram selecionadas e dentre elas, uma foi escolhida para a primeira análise. Foi possível perceber as diferentes técnicas utilizadas pelas três tradutoras, mesmo entre as duas que contemplaram o dialeto. Quanto aos recursos utilizados, a variante foi principalmente representada por marcas de oralidade fonéticas. As etapas seguintes consistirão em analisar as outras doze traduções das quatro falas restantes e a comparação entre os métodos e recursos utilizados.

Palavras-chave: análise comparativa, tradução literária, variantes linguísticas

Referências

BRITTO, P. H. **A Tradução Literária**. 4. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021. 157 p.

CARVALHO, S. P. P. **A tradução do socioleto literário: um estudo de Wuthering Heights**. 2007. 212 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Estilísticos e Literários em Inglês) - FACULDADE de FILOSOFIA, LETRAS e CIÊNCIAS HUMANAS, Universidade de São Paulo, 2007.

VENUTI, L. **Escândalos da Tradução**. Tradução: Valéria Biondo, Marileide Dias Esqueda, Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela. 1. Ed. São Paulo: Editora UNESP, 2019. 421p.

ACESSIBILIDADE NAS PUBLICAÇÕES ESPECIALIZADAS EM VIAGEM E TURISMO NO BRASIL PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Isabelle Corrêa de Souza (Universidade Estadual Paulista)
Suely Maciel (Universidade Estadual Paulista)

e-mails: isabelle.c.souza@unesp.br / suely.maciel@unesp.br

Este trabalho busca realizar uma taxonomia dos recursos de acessibilidade à comunicação e à informação em produções especializadas em informação de viagens e turismo, de maneira a identificar os recursos nelas presentes, em especial aqueles voltados ao público com deficiência visual. O objetivo é analisar as publicações a partir dos parâmetros teóricos e metodológicos para a acessibilidade nos diferentes meios, avaliando a adequação das publicações a esses preceitos e à legislação, e, assim, contribuir para a discussão sobre acesso e inclusão da pessoa com deficiência nas distintas esferas da vida cotidiana, no caso, a da comunicação midiática especializada em viagens e turismo. Para realizar a taxonomia dos recursos de acessibilidade nos meios, está sendo feita uma revisão bibliográfica relativa aos conceitos pertinentes ao estudo. Em seguida, haverá o levantamento das publicações de turismo e viagens mais acessadas por pessoas com deficiência visual, por meio de pesquisa quantitativa elaborada junto ao grupo de pesquisa Linguagem e Mídia Acessível (GELIMA). Após a seleção das publicações, serão analisadas a presença, as características e a variedade de recursos de acessibilidade porventura presentes, para verificação do cumprimento de critérios e parâmetros de boas práticas em acessibilidade impressa, audiovisual e/ou web/digital definidos por leis, normas e diretrizes presentes em literatura técnica e teórica. Serão utilizados como parâmetros: Web Content Accessibility Guidelines (WCAG/ WAI, 2023); diretrizes estabelecidas na Lei Brasileira de Inclusão (LBI, 2015); parâmetros fixados por profissionais especializados, pesquisadores, desenvolvedores, usuários e demais pessoas e grupos que trabalham com a temática da acessibilidade na comunicação e na informação. Durante a revisão, foi possível constatar que o setor do Turismo no Brasil tem se destacado. Parte disso é possível devido ao processo de comunicação com o público consumidor (Brandão, 2005), que ocorre majoritariamente na internet. Contudo, uma parcela considerável das pessoas não consegue acessar estes conteúdos e necessita de recursos de acessibilidade (European Agency for Special Needs and Inclusive Education, 2015). No caso de pessoas com deficiência, as barreiras comunicacionais e à informação, que afetam o formato e os canais de comunicação (Maciel, 2022), prejudicam o processo do planejamento da viagem, etapa vital para mitigar imprevistos e problemas (Domínguez Vila, Alén González & Darcy, 2020; Maciel, 2022). Devido ao fato de este trabalho estar na etapa do estudo do material bibliográfico, ainda não há resultados significativos. Contudo, como próxima etapa, pretende-se selecionar as publicações e analisá-las.

Palavras-Chave: acessibilidade web, comunicação midiática, inclusão, jornalismo de viagem.

Referências

BRANDÃO, C. B. Jornalismo especializado em turismo: foco nas revistas horizonte geográfico, os caminhos da terra, próxima viagem viagem e viagem e turismo. **Congresso brasileiro de ciências da comunicação**, 2005.

BRASIL, Instituto Brasileiro de Turismo (Embratur). **Brasil encerra 2024 com recorde de 6,65 milhões de turistas estrangeiros, alta de 12,6%**. Embratur, 2025. Disponível em: <https://embratur.com.br/2025/01/07/brasil-encerra-2024-com-recorde-de-665-milhoes-de-turistas-estrangeiros-alta-de-126/>.

BRASIL, **Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF, 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm.

Brasil, Ministério do Turismo (MTur). **Estudo de Perfil de Turistas Pessoas com Deficiência 2013**. MTur, 2013. Disponível em: https://www.gov.br/turismo/pt-br/centrais-de-conteudo-/publicacoes/turismo-acessivel/Estudo_do_perfil_do_turista_pessoa_com_deficixncia_set2013.pdf.

DOMÍNGUEZ VILA, T.; ALÉN GONZÁLEZ, E.; DARCY, S. Accessibility of tourism websites: the level of countries' commitment. **Univ Access Inf Soc**, n. 196, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10209-019-00643-4>.

FABIO MARQUES, Ministério do Turismo. **Em 10 anos, Turismo contribuirá com US\$16 trilhões na economia dos países, estima WTTC**. MTur, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/em-10-anos-turismo-contribuira-com-us-16-trilhoes-na-economia-dos-paises-estima-wttc>.

FALCÃO, Marcius Tullius Soares. **Sociologia do Turismo: Tecnologia em Hotelaria**. Fortaleza: UAB/IFCE, 2010. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/429783/2/Sociologia%20do%20Turismo%20-%20livro.pdf>. Acesso em: 17 janeiro 2025.

MACIEL, S. Comunicação e inclusão: desenho universal e produção acessível de informação especializada em viagens e turismo na Espanha. **Relatório de Pesquisa**. São Paulo: Fapesp, 2022.

OMT Organización Mundial del Turismo. **Código ético mundial para el turismo: por um turismo responsable**. OMT, 2001. Disponível em: https://webunwto.s3.eu-west-1.amazonaws.com/imported_images/37826/gcetbrochureglobalcodees.pdf.

PNAD contínua. **Pessoas com deficiência 2022**. IBGE, 2023. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102013_informativo.pdf.



JORNALISMO COMUNITÁRIO E LEITURA FÁCIL: acessibilidade à comunicação e à informação feita com e para a comunidade

Gabriel Andrade Domingues Rezende (Universidade Estadual Paulista)

Suely Maciel (Universidade Estadual Paulista)

e-mails: gabriel.rezende@unesp.br / suely.maciel@unesp.br

A pesquisa busca compreender a Leitura Fácil e contribuir para a sua maior difusão no Brasil, bem como problematizar de que maneira ela pode dialogar com o jornalismo comunitário e dele se tornar uma aliada no sentido da maior democratização do acesso à comunicação e à informação. Para isso, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, de caráter exploratório-descritivo, a partir de ferramentas de busca on-line de acesso livre e de observação de referências bibliográficas ligadas aos temas pertinentes a este trabalho, nas obras já selecionadas. A pesquisa identificou a compreensão do jornalismo comunitário como modo de organização e mobilização comunicacional nas comunidades que interliga seus membros, atualiza e organiza a comunidade e realiza os objetivos a que ela se propõe, permitindo que a comunidade tenha mais força política e impacto social (Marcondes Filho, 1986). Esses veículos possuem uma política de comunicação que fundamenta um modo de funcionamento com base na participação e engajamento da comunidade, em uma lógica horizontal (Aranha, 1998; Silva, 2021), e, para o bom funcionamento dessa política de comunicação, a aplicação de recursos de apoio que permitam a superação de barreiras comunicacionais podem vir a ser importantes, como é o caso da Leitura Fácil. Identificou-se que a Leitura Fácil é um método de adaptação de textos - de diferentes gêneros, inclusive informativos - para facilitar a sua compreensão para pessoas com deficiência intelectual ou dificuldades leitoras (Nielsen, 2022). Entendida como uma adaptação, a Leitura Fácil seria o exercício de se selecionar as informações mais relevantes do texto original para o seu público, visando ofertar aquilo que o leitor precisa para a compreensão do material e sua utilização da maneira como preferir (Muñoz, 2012). As diretrizes da Leitura Fácil que fundamentam o processo de adaptação envolvem a gramática, ortografia e vocabulário, o uso de recursos imagéticos, o planejamento gráfico das páginas e o processo de validação do conteúdo por parte de seus receptores, isto é, qualquer usuário de Leitura Fácil. O trabalho aponta que a aplicação da Leitura Fácil no jornalismo comunitário, além de possível, pode ser sua aliada na busca pelo direito à comunicação e pela democratização do acesso à informação, pois pode proporcionar melhores condições para o engajamento e participação da comunidade no veículo dirigido a ela/feito por ela.

Palavras-chave: acessibilidade, jornalismo comunitário, leitura fácil, recursos de apoio.

Referências

ARANHA, Angelo. Sottovia. **A função do jornalismo comunitário hoje**. 1998. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 1998.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Quem manipula quem?** Poder e massas na indústria da cultura e da comunicação no Brasil. 5. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1986.

MUÑOZ, Óscar García. Lectura Fácil: **Métodos de redacción y evaluación**. 1. ed. Madrid: Real Patronato sobre Discapacidad, 2012.

NIELSEN, Clara. **Manual de Lectura Fácil**: cómo escribir textos accesibles para personas con dificultades lectoras. 1ª edição. Buenos Aires: Editorial Visibilia, 2022.

SILVA, Thaís Cavalcante da. O papel das novas tecnologias no jornalismo comunitário: Voz das Comunidades, do impresso ao digital. **Revista de Comunicação Dialógica**, Rio de Janeiro, n.6, p.10-33, jun./dez. 2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/rcd/article/view/62011>. Acesso em 24 out. 2024.

MODA E AUDIODESCRIÇÃO: estudo exploratório sobre a pesquisa no Brasil e Portugal

*Barbara Viotto do Carmo (Universidade Estadual Paulista)
Suely Maciel (Universidade Estadual Paulista)*

e-mails: barbara.viotto@unesp.br / suely.maciel@unesp.br

Este estudo discute a importância da audiodescrição (AD) na moda, considerando a relevância de seus aspectos visuais. A metodologia adotada é a revisão bibliográfica narrativa, explorando pesquisas brasileiras e portuguesas sobre o tema. Entende-se a moda como um fenômeno social com reverberações culturais e econômicas (Crane, 2013). O vestuário não só reflete gostos e status, mas também expressa identidade social e individual (Crane, 2013). Segundo Svendsen (2006), a moda é uma das formas mais visuais de expressão. Afinal, sua dimensão visual é essencial na construção de identidades e significados culturais (Santaella, 2023). Diante disso, surge a questão: como tornar a moda acessível para pessoas com deficiência visual? A audiodescrição é uma possibilidade, pois traduz informações visuais em linguagem verbal (Jankowska, 2019), podendo ser aplicada em diferentes mídias. No entanto, pesquisas sobre acessibilidade na moda ainda são limitadas, sobretudo no que tange à comunicação e à mídia (Oliveira & Okimoto, 2021; Perez & Martins, 2024). A maioria dos estudos concentra-se em aspectos funcionais do vestuário, negligenciando os estético-simbólicos (Perez & Martins, 2024). Existem diversas possibilidades para tornar a moda mais acessível por meio da AD, que pode ser aplicada em desfiles, conteúdos de plataformas da internet e lojas on-line de moda, entre outros. O último exemplo foi analisado por Teixeira (2022), que revelou que a experiência de compra é prejudicada pela falta de descrições detalhadas dos produtos, dificultando a formação de uma imagem mental dos itens. Para combater barreiras como essas, foram propostas soluções diversas, desde etiquetas acessíveis com QR codes contendo audiodescrição (Teixeira, 2022) até aplicativos de detecção de cores e outras características em peças de roupa (Rocha et al., 2023). Contudo, esses recursos ainda carecem de discussão metodológica sobre audiodescrição na moda. Visto que elementos visuais, texturas, cores e composições são centrais na construção de significados (Crane, 2013; Santaella, 2023), conclui-se haver necessidade de aprofundamento nos estudos sobre AD na moda, o que contribuiria para um setor mais inclusivo, facilitando a participação de todas as pessoas na dinâmica da moda.

Palavras-chave: acessibilidade midiática, audiodescrição, moda, moda acessível.

Referências

CRANE, Diana. **A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2013.

GRECO, G. M.; JANKOWSKA, A. **Media accessibility within and beyond audiovisual translation. The Palgrave handbook of audiovisual translation and media accessibility**, p. 57-81, 2020.

HANCOCK, Joseph H. **Fashion brand stories**. Bloomsbury Publishing, 2022.

JANKOWSKA, Anna. **Audiovisual media accessibility**. The Bloomsbury companion to language industry studies, p. 231-259, 2019.

MACHADO, Isabel P. R. **A parte invisível do olhar: audiodescrição no cinema: a constituição das imagens por meio das palavras-uma possibilidade de educação visual para a pessoa com deficiência visual no cinema**. 2015. Tese (Doutorado) — [sn].

OLIVEIRA, R. D. de; OKIMOTO, M. L. L. R. Tecnologias assistivas relacionadas à moda para pessoas com deficiência visual: uma revisão sistemática. **dObra[s] – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda**, [S. l.], n. 35, p. 183–205, 2022. DOI: 10.26563/dobras.i35.1459. Disponível em: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/1459>. Acesso em: 4 jun. 2024.

PEREZ, I. U.; MARTINS, S. B. A abordagem da deficiência no design de moda: revisão integrativa em artigos de periódicos brasileiros. **dObra[s]–Revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda**, [S. l.], n. 42, p. 181–202, 2024. DOI: 10.26563/dobras.i42.1844. Disponível em: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/1844>. Acesso em: 9 jan. 2025.

ROCHA, Daniel et al. Blind people: Clothing category classification and stain detection using transfer learning. **Applied Sciences**, v. 13, n. 3, p. 1925, 2023.

SANTAELLA, Lucia. **A moda é sintoma da cultura?** São Paulo: Digitaliza Conteúdo, 2023.

SVENDSEN, Lars. **Fashion: A philosophy**. Londres: Reaktion Books, 2006.

TEIXEIRA, João Pedro Miranda. **O utilizador com incapacidade visual e o processo de compra de produtos de moda: estratégias que visam o aumento da autonomia**. 2022. Dissertação (Mestrado)—Universidade do Minho, Portugal.



Sessão 03

Audiodescrição

AUDIODESCRIÇÃO COMO RECURSO DE INCLUSÃO NO ENSINO DE FÍSICA: desafios e perspectivas

Matias Domingos Braço (Universidade Estadual Paulista)

Suely Maciel (Universidade Estadual Paulista)

e-mails: m.braco@unesp.br / suely.maciel@unesp.br

O ensino de física impõe desafios à inclusão de estudantes com deficiência visual, uma vez que se baseia amplamente em elementos visuais, como tabelas, diagramas e experimentos (Silva & Souza, 2024). A audiodescrição, definida por Motta e Romeu Filho (2010) como uma modalidade de tradução intersemiótica que converte elementos visuais em linguagem verbal, configura-se como um recurso essencial para ampliar o acesso ao conhecimento científico. Neste contexto, o presente estudo investiga a aplicação da audiodescrição no ensino de física, analisando desafios, avanços e perspectivas, com o objetivo de subsidiar políticas educacionais e aprimorar práticas pedagógicas inclusivas. A pesquisa fundamenta-se em normativas nacionais e internacionais que garantem a acessibilidade educacional, como a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência da ONU (2006) e o Estatuto da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015). Ademais, alinha-se à Agenda 2030 da ONU, especialmente ao Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 4, que promove educação inclusiva e equitativa, e ao ODS 10, voltado à redução das desigualdades. Estudos apontam que a audiodescrição não apenas beneficia estudantes com deficiência visual, mas também favorece a construção conceitual de todos os alunos (Gama, Costa & Amaral, 2023). Sua aplicação em vídeos educativos, por exemplo, melhora a compreensão dos conteúdos científicos (Cozendey & Costa, 2018). Entretanto, desafios persistem, como a padronização das descrições de representações gráficas, fator essencial para a precisão e efetividade da audiodescrição (Reis, Santos & Nunes, 2022). A metodologia adotada baseia-se na scoping review de Arksey e O'Malley (2005), abrangendo publicações de 2015 a 2024 indexadas na Web of Science, Scopus e Google Scholar. Foram utilizadas as palavras-chave "Audio description" AND "physics" e "Audiodescrição" AND "física", seguindo os critérios PRISMA (Moher et al., 2009). Após triagem de 110 estudos, oito foram analisados em profundidade. Os resultados indicam que a audiodescrição melhora a compreensão de fenômenos físicos e contribui para o desempenho acadêmico (Santos & Brandão, 2020). Sua incorporação em recursos multimídia amplia a acessibilidade e beneficia o aprendizado de todos os estudantes (Cozendey & Costa, 2018). No entanto, a ausência de diretrizes padronizadas e a falta de formação docente comprometem a qualidade das descrições (Silva & Souza, 2024; Reis, Santos & Nunes, 2022). Ainda assim, sua implementação representa um avanço significativo para a acessibilidade e equidade no ensino de física.

Palavras-chave: audiodescrição, deficiência visual, ensino de física, inclusão, tecnologia assistiva.

Referências

- ARKSEY, H.; O'MALLEY, L. Scoping studies: Towards a methodological framework. **International Journal of Social Research Methodology**, v. 8, n. 1, p. 19-32, 2005.
- COZENDEY, S. G.; COSTA, M. P. R. Utilizando a audiodescrição como um recurso de ensino. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação (RIAEE)**, v. 13, n. 3, p. 1164-1186, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.21723/riaee.v13.n3.2018.9626>.
- GAMA, A. C.; COSTA, D. M.; AMARAL, S. C. S. Estudo bibliométrico relacionado ao Ensino de Física para estudantes com deficiência visual. **Anais do XIV Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC)**, 2023. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/93016>.
- HALLAIS, S.; VILAR, A. B.; BARBOSA-LIMA, M. C. Um estudo acerca da linguagem como facilitadora das aulas de Física para alunos com deficiência visual. **Revista de Enseñanza de la Física**, v. 33, n. 2, p. 267-273, 2021. Disponível em: <http://www.revistas.unc.edu.ar/index.php/revistaEF>.
- MARQUES, T. M.; VILAR, A. B.; BARBOSA-LIMA, M. C. O uso de diferentes linguagens em aulas sobre a teoria da relatividade para o ensino inclusivo de alunos com deficiência visual. **Anais do XIV Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC)**, 2023. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/92956>.
- MARTINS, L. B.; RODRIGUES-MOURA, S. O conhecimento deve ser acessível para todos: uma experiência inclusiva em educação para a astronomia. **Areté - Revista Amazônica de Ensino de Ciências**, v. 22, n. 36, e24007, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.59666/Arete.1984-7505.v22.n36.3696>.
- MOHER, D.; Liberati, A.; TETZLAFF, J.; ALTMAN, D. G.; The PRISMA Group. Preferred reporting items for systematic reviews and meta-analyses: The PRISMA statement. **PLoS Medicine**, v. 6, n. 7, e1000097, 2009.
- MOTTA, L. M. V. de M.; ROMEU FILHO, P. **Audiodescrição: transformando imagens em palavras**. Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, 2010.
- REIS, J. S.; SANTOS, B. M.; NUNES, I. N. C. Aula de física para estudante deficiente visual durante a pandemia. **Revista de Estudios y Experiencias en Educación (REXE)**, v. 21, n. 47, p. 472-492, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.21703/0718-5162202202102147025>.
- SANTOS, P. V.; BRANDÃO, G. C. A. Tecnologias assistivas no ensino de física para alunos com deficiência visual: um estudo de caso baseado na audiodescrição. **Ciência & Educação**, v. 26, e20046, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1516-731320200046>.
- SILVA, A. C.; SOUZA, D. N. **Aspectos a serem considerados em audiodescrição de imagens em física com vista ao seu entendimento por pessoas com deficiência visual**. 2024.

ACESSIBILIDADE NO MUSEU: uma proposta de audiodescrição da Casa Sede do Museu do Café

Donizeti Aparecido Custodio- UNISAGRADO (Bauru)

Leila Maria Gumushian Felipini - UNISAGRADO (Bauru)

e-mails: doni.custodio2020@gmail.com / leila.felipini@unisagrado.edu.br

Ao longo da trajetória da humanidade o processo do registro histórico fundamentou a preservação de elementos de valor incalculável para a construção da identidade cultural humana. Um modelo de instituição que, no cenário contemporâneo, instaure-se como um baluarte da preservação de elementos deste viés é o museu, ambiente ilustre que preserva e difunde as vertentes multifacetadas da história. Entendendo tal relevância, é importante discutir a questão da acessibilidade a este saber, garantida pelo poder legislativo (BRASIL, 2015) e elevada a partir de pautas como a da audiodescrição (AD), prática que permite que as pessoas com deficiência visual acessem conteúdo cultural, entre outros, através da transformação de imagens em palavras (MOTTA, 2016). É com esta visão que se fundamenta o objetivo deste estudo, o qual propõe a audiodescrição da Casa Sede do Museu do Café, localizado em Piratininga. Esse museu está situado na antiga área da Fazenda São João e tem como sua principal missão resgatar e conservar a cultura caipira regional do passado e do presente, bem como os métodos e saberes relacionados ao plantio e ao cultivo do café, a cultura agrícola que foi a principal responsável pela formação de fortunas da época, além de colocar o estado de São Paulo no patamar de liderança econômica do país (MUSEU DO CAFÉ DE PIRATININGA, 2022). Para realizar a AD da Casa Sede, buscou-se informações sobre o local e foram seguidas as diretrizes recomendadas por obras da audiodescritora Lívia Motta (2016). Além da descrição dos itens dos acervos, foi feita a transcrição dos pôsteres e banners para serem narrados junto ao roteiro de AD conforme posicionamento nos cômodos da Casa Sede. Como adendo, vale-se citar que o roteiro inicial foi enviado para consultoria realizada por uma estudante de jornalismo do Centro Universitário do Sagrado Coração que apresenta baixa visão e é membro colaborativo do projeto de extensão Tradução e Acessibilidade no Audiovisual desenvolvido na mesma instituição de ensino superior.

Palavras-chave: acessibilidade, audiodescrição, Museu do Café de Piratininga, Tradução.

Referências

A EXPANSÃO do Café no Centro-Oeste Paulista. **Museu do Café de Piratininga**. Jul. 2022. Disponível em: A Expansão do Café no Centro-Oeste Paulista. (museudocafe piratininga.com.br). Acesso em: 12 mar. 2025.

BRASIL. **Lei Nº 13.146, de 06 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 07 de jul. 2015. Disponível em: L13146 (planalto.gov.br). Acesso em: 03 abr. 2022.

MOTTA, Livia. Maria. Villela. **AUDIODESCRIÇÃO NA ESCOLA: abrindo caminhos para leitura de mundo**. Campinas, SP: Pontes Editora, 2016.



VALIDAÇÃO DE UM MODELO DE AUDIODESCRIÇÃO EM NOTAS INTRODUTÓRIAS PARA PERSONAGENS, CENÁRIOS E OBJETOS EM GAMES

Guilherme Mori Magalhães (Universidade Estadual Paulista)

Suely Maciel (Universidade Estadual Paulista)

e-mails: guilherme.m.magalhaes@unesp.br / suely.maciel@unesp.br

Os jogos de videogame têm se consolidado como ferramenta e ambiente frutífero para a inclusão de pessoas com deficiência na atualidade (Mangiron; Zhang, 2022). Embora, nos últimos anos, grandes avanços tenham sido feitos quanto ao aprimoramento da acessibilidade para jogadores com deficiência, a pesquisa e experimentação da audiodescrição nos games enquanto ferramenta para possibilitar novas formas de acesso à informação visual ainda é incipiente (Larreina-Morales; Mangiron, 2024). Tanto a pesquisa acadêmica quanto a indústria já estão experimentando formas de aliar a audiodescrição e os jogos eletrônicos, como no caso da descrição de cutscenes em *The Last of Us Part I* e *Mortal Kombat 1*, da audiodescrição do trailer de *Assassin's Creed Valhalla* e outros inúmeros jogos experimentais e independentes desenvolvidos para propósitos de pesquisa (Larreina-Morales; Mangiron, 2024). Alinhado a estudos teóricos, de recepção e, principalmente, com a participação de jogadores com deficiência, o presente estudo objetiva ampliar o acesso da população com deficiência visual aos jogos de videogame por meio do recurso de audiodescrição de personagens, cenários e objetos, desenvolvendo um modelo de audiodescrição em nota introdutória que possa ser incluído na interface do menu de videogames. Assim, visamos contribuir para a apreensão da informação visual e estética dos games e aprimorar a experiência de jogo de jogadores com deficiência. A pesquisa está sendo conduzida segundo o método de design thinking (Brown, 2008), com um primeiro protótipo já havendo sido desenvolvido, em português brasileiro, com base no jogo *Mortal Kombat 1*. Os primeiros testes com jogadores com deficiência visual para validação do modelo foram conduzidos no início do mês de março de 2025, lançando mão da técnica de grupo focal, reconhecida por possibilitar a validação de produtos acessíveis e agregar as experiências de públicos de interesse no processo de investigação (Matamala, 2021). A partir do mês de abril de 2025, foram realizadas entrevistas com especialistas em audiodescrição e acessibilidade em games, apresentando o modelo e reunindo mais informações. O intuito de ambas as técnicas é reunir pontos fortes e fracos do protótipo, bem como ideias a serem trabalhadas para que uma versão aprimorada do modelo possa ser apresentada.

Palavras-chave: Audiodescrição, Videogame, Nota introdutória, Acessibilidade Midiática.

Referências

BROWN, T. Design thinking. **Harvard Business Review**, v. 86, n. 6, 2008.

LARREINA-MORALES, M. E.; MANGIRON, C. Audio description in video games? Persons with visual disabilities weigh in. **Universal Access in the Information Society**, v. 23, n. 2, p. 577-588, 2024.

MANGIRON, C.; ZHANG, X. Video games and audio description. In: TAYLOR, C.; PEREGO, E. (Eds.). **The Routledge Handbook of Audio Description**. Londres: Routledge, 2022, p. 376-389.

MATAMALA, A. Qualitative research methods in Media Accessibility: Focus groups and interviews. **LEAD ME Summer Training School (Warsaw 2021)**, 2021. Disponível em: https://ddd.uab.cat/pub/presentacions/2021/248162/AnnaMatamala_2021-07-08_LEAD-MESummerSchool.pdf. Acesso em 10 jan. 2024.

UMA ANÁLISE DA AUDIODESCRIÇÃO DOS FATALITIES DO JOGO MORTAL KOMBAT 1 (2023)

Larissa Pedroso de Almeida (Universidade Estadual Paulista)
Lucinéa Marcelino Villela (Universidade Estadual Paulista)

e-mails: larissa.pedroso@unesp.br / lucinea.villela@unesp.br

A popularização das produções audiovisuais trouxe como consequência a necessidade de torná-las acessíveis para pessoas com deficiências auditivas e visuais. Uma das modalidades de acessibilidade ao produto audiovisual é a audiodescrição (AD), uma modalidade de tradução intersemiótica que consiste em descrever imagens com palavras, permitindo que aqueles que possuem alguma deficiência visual consigam compreender os elementos imagéticos em filmes ou séries. Entretanto, a AD ainda é pouco explorada na área de videogames, a maior indústria de entretenimento do mundo. Devido sua natureza interativa e visual, grande parcela da população com deficiência visual enfrenta dificuldades para usufruir de seu conteúdo e há outros usuários que têm uma experiência limitada em comparação às pessoas videntes. Em vista disso, diversas empresas e desenvolvedoras de jogos, como a Ubisoft, têm investido em recursos e tecnologias de acessibilidade para tornar os videogames mais inclusivos, além de criar diretrizes para a implementação desse recurso. O objetivo principal deste trabalho será apresentar duas etapas de uma pesquisa científica focada nas audiodescrições dos fatalities do jogo Mortal Kombat 1 (2023). Primeiramente, serão discutidos os conceitos das autoras Larreina-Morales (2023), Mangiron (2016, 2022, 2023) e Zhang (2016, 2022) na área de audiodescrição em videogames, principalmente no que se refere aos desafios de sua implementação e possíveis áreas em que a audiodescrição pode ser realizada com mais facilidade. Nessa etapa inicial, adotou-se a pesquisa bibliográfica como metodologia, a partir de análise minuciosa de artigos e livros produzidos por nomes relevantes no campo de tradução de videogames. Os resultados apresentados na comunicação serão os dessa primeira parte, concluídos a partir de uma análise das pesquisas mencionadas anteriormente, como a classificação das audiodescrições encontradas no objeto de pesquisa.

Palavras-chave: acessibilidade, audiodescrição em videogames, tradução audiovisual acessível.

Referências

BRESCIA ZAPATA, M.; MATAMALA, A. La audiodescripción de la violencia: Estudio descriptivo de tres películas de Quentin Tarantino. **TRANS: Revista de Traductología**, Málaga, n. 24, p. 111–128, 2020. DOI: 10.24310/TRANS.2020.v0i24.9519.

LARREINA-MORALES, M. E.; MANGIRON, C. **Audio description in video games? Persons with visual disabilities weigh in**. Universal Access in the Information Society, ago. 2023.

MANGIRON, C.; ZHANG, X. Game Accessibility for the Blind: Current Overview and the Potential Application of Audio Description as the Way Forward. *In*: MATAMALA, A.; ORERO, P. (Eds.). **Researching Audio Description: new approaches**. Londres: Palgrave Macmillan, 2016. cap. 5, p. 75–95.

MANGIRON, C.; ZHANG, X. Video games and audio description. *In*: TAYLOR, C.; PEREGO, E. (Eds.) **The Routledge Handbook of Audio Description**. London: Routledge. 2022. cap. 25, p. 370 - 399.



A FRUIÇÃO DE OBRAS DE ARTE POR PESSOAS COM LIMITAÇÃO SENSORIAL VISUAL: análise do roteiro de audiodescrição de Conselheiro Pregando Sertão Adentro

*Neyara Rebeca Barroso Lima (Universidade Estadual do Ceará)
Kethleen de Almeida Claudino (Universidade Estadual do Ceará)*

e-mails: becca.barroso@aluno.uece.br / kethleen.almeida@aluno.uece.br

A acessibilização de obras de arte bidimensionais para pessoas com limitação sensorial visual (PcLSVs) enfrenta desafios metodológicos que vão além da mera transposição de imagens para descrições verbais. A audiodescrição (AD) é um instrumento poderoso para a fruição estética de pinturas, permitindo que PcLSVs construam suas próprias interpretações da obra. No entanto, a forma como a AD é estruturada, suas escolhas lexicais, e os aspectos avaliativos embutidos no texto descritivo influenciam diretamente a experiência do público. Nesse contexto, o trabalho do consultor audiodescritor é fundamental, pois garante que a descrição não apenas comunique os elementos visuais, mas também respeite a subjetividade e a pluralidade de leituras possíveis de uma obra. Este estudo tem como objetivo analisar o roteiro de AD da pintura Conselheiro Pregando Sertão Adentro, do artista cearense Descartes Gadelha, considerando as escolhas linguísticas tomadas pelo audiodescritor na acessibilização da obra. Para isso, adotamos como fundamentação teórica o Sistema de Avaliatividade (SA) de Martin e White (2005), que permite examinar como as subredes de atitude, engajamento e gradação contribuem para a construção do significado na audiodescrição. Além disso, utilizamos as diretrizes de De Coster e Mühleis (2007) sobre intersensorialidade e as discussões de Holland (2009) sobre acessibilização da arte para PcLSVs, enfatizando como a linguagem empregada na AD pode ampliar ou limitar a experiência estética dos espectadores. A metodologia envolve uma análise descritiva de natureza qualitativa. Os resultados demonstram que ao elaborar o texto descritivo, o audiodescritor enfatiza os aspectos psicológicos de Antônio Conselheiro e suas ações, enquanto os elementos festivos e culturais da obra, como os tocadores de pífano e as bandeirinhas coloridas, poderiam receber maior destaque para equilibrar a interpretação da cena. Observamos também que o uso de termos com maior teor avaliativo direciona a leitura da obra, o que reforça a necessidade de maior atenção ao papel do consultor audiodescritor na construção de roteiros que respeitem a subjetividade do público-alvo. Este estudo contribui para a reflexão sobre o impacto da linguagem utilizada em roteiros de AD e reforça a importância de abordagens que considerem tanto a estrutura linguística quanto o impacto estético da descrição na apreciação de obras de arte.

Palavras-chave: audiodescrição, fruição estética, pintura.

Referências

DE COSTER, Karin; MÜHLEIS, Volkmar. Intersensorial translation: visual art made up by words. *In: DÍAZ CINTAS, Jorge; ORERO, Pilar; REMAEL, Aline (Eds.). **Media for all**: subtitling for the deaf, audio description, and sign language. Amsterdam: Rodopi, 2007, p. 189-201.*

HOLLAND, Andrew. Audio description in the theatre and the visual arts: images into words. *In: DÍAZ CINTAS, Jorge; ANDERMAN, Gunilla. (Orgs.). **Audiovisual translation**: language transfer on screen. New York: Palgrave MacMillan, 2009, p. 170-185.*

MARTIN, James; WHITE, Pieter. **The language of evaluation**: Appraisal in English. Hampshire: Palgravre Macmillan, 2005.



Sessão 04

Legendagem



O QUE INCOMODA E O QUE SE ESPERA DA TRADUÇÃO DE PALAVRÕES NA LEGENDAGEM?: Um estudo sobre as preferências do público consumidor

*Willian Moura (Universidade Federal de Santa Catarina)
e-mail: willianmoura.tradutor@gmail.com*

Esta apresentação se baseia nos resultados de um estudo piloto de recepção sobre a aceitabilidade do uso de linguagem ofensiva e tabu na legendagem. Os achados iniciais revelaram que os participantes da pesquisa indicaram uma aceitabilidade mais positiva para os palavrões traduzidos nas legendas da Netflix (grupo controle), em comparação com os grupos experimentais, cujas legendas apresentavam diferentes estímulos de tradução: suavização, manutenção e intensificação do uso de linguagem ofensiva e tabu (Moura, 2024). Partindo desses resultados, pretendo, nesta comunicação, apresentar uma análise desenvolvida por meio de um estudo qualitativo das entrevistas conduzidas com os dezesseis participantes da pesquisa piloto. Na análise temática realizada (cf. Bryman, 2012; Creswell & Creswell, 2023) emergiram diferentes temas associados às preferências do público para com a tradução de palavrões na legendagem. As preferências puderam ser agrupadas em três grandes categorias e subdivididas em outras duas categorias mais específicas: 1. crenças (1.1 censura e manipulação; e 1.2 classificação indicativa); 2. expectativas (2.1 equivalência; e 2.2 gênero audiovisual e narrativa); e 3. incômodos (3.1 precisão da tradução; e 3.2 diálogos artificiais). A categorização temática dessas respostas busca contribuir para uma compreensão mais aprofundada da recepção de legendas em produtos audiovisuais que fazem uso frequente de linguagem ofensiva e tabu em seus diálogos. Ao enfatizar as preferências dos participantes, este estudo não apenas apresenta suas percepções sobre a legendagem de palavrões, mas também reforça a importância de considerar a recepção do público na tomada de decisões tradutórias, ressaltando o papel central dos espectadores na avaliação da qualidade e da eficácia das legendas em conteúdos audiovisuais.

Palavras-chave: estudo de recepção, linguagem tabu, tradução audiovisual.

Referências

BRYMAN, A. **Social Methods Research**. (4th ed.). Oxford University Press, 2012.

CRESSWELL, J. W.; CRESSWELL, J. D. **Research Design: Qualitative, Quantitative, and Mixed Methods Approaches** (6th ed.). Sage. 2023

MOURA, W. **The Subtitling of Swearing: A Pilot Reception Study**. Languages, v. 9, n. 5, p.184, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/languages9050184>.



DA LEGENDAGEM TRADICIONAL À LFC: ampliando a acessibilidade no audiovisual

Ana Laura Dias (Universidade Estadual Paulista)
Lucinéa Marcelino Villela (Universidade Estadual Paulista)
e-mails: al.dias@unesp.br / lucinea.villela@unesp.br

A legendagem desempenha um papel essencial na acessibilidade audiovisual, especialmente para pessoas com deficiência auditiva. Entre as novas abordagens para tornar conteúdos mais acessíveis, destaca-se a aplicação da Linguagem de Fácil Compreensão (LFC) na tradução audiovisual (TAV). A LFC é considerada um termo guarda-chuva que inclui “qualquer variedade linguística que melhore a compreensão” (Matamala, p. 132, 2022), e o termo foi adotado pelos pesquisadores responsáveis pela criação da plataforma Easy Access for Social Inclusion Training (EASIT). Apesar de ser fortemente influenciada pelas concepções abordadas pela Linguagem Simples (LS) e pela Leitura Fácil (LF), a LFC possui certas características idiossincráticas que garantem o seu próprio espaço nas modalidades da TAV (Bernabé, p. 347, 2019) e, conseqüentemente, na legendagem. A realização de uma pesquisa descritiva de cunho bibliográfico possibilitou a identificação dos aspectos teóricos e práticos que diferenciam as legendas tradicionais das legendas em LFC. Um exemplo disso são os parâmetros técnicos elaborados formalmente por Barnabé e Garcia (2019), que incorporaram recomendações indicadas para a produção de textos em LFC com aquelas já estabelecidas para as Legendas para Surdos e Ensurdidos (LSE). Além dos autores citados anteriormente, a pesquisa também se fundamentou no material teórico de autoria de Matamala e Orero (2018), Barnabé e Orero (2019), Maab e Garrido (2020), Bernabé e Cavallo (2021), Martins e Ferreira (2024) e Perego (2024). Por fim, este trabalho tem como objetivo apresentar as diferenças entre a legendagem tradicional e a legendagem em LFC identificadas durante a pesquisa descritiva. Os exemplos analisados e selecionados demonstram a eficácia da LFC em tornar as legendas mais acessíveis e compreensíveis ao público com deficiência de leitura, intelectual ou cognitiva, bem como para outros usuários que podem se beneficiar da simplificação do conteúdo por diferentes motivos.

Palavras-chave: legendagem, linguagem de fácil compreensão, tradução audiovisual acessível.

Referências

BERNABÉ, R. C. **Easy audiovisual content for all: Easy-to-Read as an enabler of easy, multimode access services**. 2020. Tese (Doutorado em Tradução), Universitat Autònoma de Barcelona, Barcelona, 2020.

BERNABÉ, R.; CAVALLO, P. Easy-to-understand access services: easy subtitles. *In: International Conference on Human-Computer Interaction*. Suíça: Springer International Publishing, p. 241-254, 2021.

BERNABÉ, Rocío; GARCÍA, Óscar. Identifying parameters for creating Easy to Read subtitles. *In: CoMe*, v. 4, n. 1, p. 49-70, 2019.

BERNABÉ, R. C.; ORERO, P. Easy to Read as Multimode Accessibility Service. *In: Hermēneus. Revista De Traducción e Interpretación*, Valladolid/ES, n. 21, p. 53-74, 2019.

MAAB, Christiane. Intralingual Translation in Easy Language and in Plain Language. *In: The Routledge Handbook of Intralingual Translation*. Routledge, p. 234-251, 2024.

MAAB, C.; GARRIDO, S. H. Easy and plain language in audiovisual translation. *In: HANSEN-SCHIRRA, S.; MAAB, C. Easy language research: text and user perspectives*, v. 2. Berlin: Frank & Timme, p. 131-161, 2020.

MARTINS, Cláudia; FERREIRA, Cláudia. Intralingual Translation and Media Accessibility at a Crossroads: A museum project. *In: The Routledge Handbook of Intralingual Translation*. Routledge, p. 434-452, 2024.

MATAMALA, Anna. Easy-to-understand language in audiovisual translation and accessibility: state of the art and future challenges. *In: X Linguae*, p. 130-144, 2022.

PEREGO, Elisa. **Accessible communication: A cross-country journey**. Frank & Timme, 2020.

PEREGO, Elisa. Translation Into Easy Language: The unexplored case of podcasts. *In: The Routledge Handbook of Intralingual Translation*. Routledge, p. 453-471, 2024.

A VIOLÊNCIA VERBAL NA TRADUÇÃO PARA LEGENDAGEM DE SEX EDUCATION

Julia Martins Honorato (Universidade Estadual Paulista)

Cláudia Zavaglia (Universidade Estadual Paulista)

e-mails: julia.honorato@unesp.br / claudia.zavaglia@unesp.br

O léxico de uma língua pode ser visto como elemento de fixação e transmissão de sua cultura e ideologia a partir da representação. Por sua vez, os dicionários, como instrumentos que se propõem a estruturar e sistematizar tal acervo lexical, atuam como meios para a produção e propagação de ideias, mentalidades, posicionamentos políticos e sociais de e em uma comunidade linguística. Dessa forma, é por meio da língua que se expressam aspectos culturais, históricos e ideológicos, sendo, pois, por meio dela que se produzem e promovem violências, mas também transformações sociais. Tomando, assim, o léxico como elemento construído sócio-culturalmente com base em autores como Biderman (1987), Borba (2006) e Bueno (2015), a pesquisa em questão objetivou, a partir do levantamento de unidades lexicais na tradução para legendagem da língua inglesa para a língua italiana do seriado Sex Education, demonstrar de que forma a violência verbal contra grupos minorizados (mulheres, pessoas negras, com deficiência, LGBTQIAPN+) encontra-se instaurada tanto nos discursos da sociedade, quanto nos verbetes de dicionários, identificando a existência ou não de contextos preconceituosos que levassem a definições discriminatórias nas microestruturas de dicionários italianos. Com esse objetivo, realizou-se a transcrição de episódios da série e, em seguida, foram elaboradas tabelas com as definições dos dicionários on-line Il nuovo de Mauro e Il Corriere della Sera. De forma geral, entre as análises, pôde-se notar uma maior incidência de unidades lexicais ofensivas, sobretudo, com relação ao grupo das mulheres e de pessoas LGBTQIAPN+. Isso pode se dar pelo contexto retratado na série de interação entre adolescentes em um ambiente escolar, bem como pela intenção de simbolizar a realidade de uma sociedade, ainda, preconceituosa. Com relação às entradas dos verbetes nos dicionários, nota-se que ambos os dicionários selecionados procuram atentar-se, na maioria das vezes, aos sentidos pejorativos e ofensivos das palavras encontradas por meio da inclusão de marcas de uso como “pejorativo” ou “vulgar”.

Palavras-chave: dicionários, grupos minorizados, léxico, violência verbal.

Referências

BIDERMAN, M. T. C. A estruturação do léxico e a organização do conhecimento. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 69, p. 81-96, 1987.

BORBA, F. S. Léxico e herança social. In: MARCHEZAN R. C. CORTINA, A. (Org.). **Os fatos da linguagem, esse conjunto heteróclito**. 1ed. Cultura Acadêmica Editora, Araraquara, v. 10, p. 81-96, 2006.

BUENO, A. L. D. A produção do sexismo na linguagem: gênero e poder em dicionários da língua portuguesa. **IV SIES – Simpósio Internacional de Educação Sexual: Feminismos, identidade de gênero e políticas públicas**. UEM, p. 1-15, 2015.

ANÁLISE PRELIMINAR DAS LEGENDAS AUTOMÁTICA GERADA PELO APLICATIVO CAPCUT EM VÍDEOS VERTICAIS

Alexssandro da Silva Pereira (Universidade Estadual do Ceará)
Alexandra Frazão Seoane (Universidade Estadual do Ceará)
e-mails: alexssandro.pereira@aluno.uece.br / alexandra.frazao@uece.br

No contexto atual, com a ampla difusão dos smartphones e o fácil acesso à internet móvel, o consumo de conteúdo audiovisual em plataformas digitais, como TikTok, Instagram Reels e YouTube Shorts, tem crescido exponencialmente, popularizando o vídeo vertical e tornando-o um dos principais formatos de mídia. No entanto, a acessibilidade desse tipo de conteúdo para pessoas surdas e ensurdecidas ainda é um desafio, especialmente no que se refere à legendagem automática, recurso disponível em aplicativos de celulares, como o CapCut, ferramenta que utiliza inteligência artificial para gerar legendas a partir da transcrição da fala, e que tem se popularizado entre criadores de conteúdo pela sua praticidade. Contudo, a legendagem para surdos e ensurdecidos (LSE) requer critérios específicos adequados, como de segmentação e velocidade, para que esse público possa acessar as informações audiovisuais. Até o presente momento, não existe um parâmetro ou diretrizes para LSE em vídeos verticais como existe o Guia para Produções Audiovisuais Acessíveis (NAVES et al., 2016). Diante disso, esta pesquisa propõe-se a investigar, à luz da Tradução Audiovisual Acessível (TAVa), as legendas automáticas geradas pelo aplicativo CapCut em vídeos verticais da plataforma TikTok e como seria sua adequação para seguir os parâmetros de legendagem para surdos e ensurdecidos. Para tanto, foram selecionados 3 vídeos curtos (com duração média de 30 segundos cada) do perfil “Ciência Divertida” no TikTok, aos quais serão aplicadas legendas automáticas geradas pelo CapCut. A análise será conduzida com base nos parâmetros da TAVa e em estudos sobre LSE (VIEIRA, 2016; MONTEIRO, 2016; NAVES et al., 2016; ASSIS, 2021), com foco em possíveis falhas, principalmente no que se refere à segmentação linguística e velocidade. A partir da análise, busca-se evidenciar as limitações da legendagem automática gerada pelo aplicativo CapCut, como erros de transcrição de palavras homófonas (ex.: “censo” ou “senso”) e expressões, conforme apontado por Salvatici (2011). E, assim, contribuir para o aprimoramento desse tipo de legenda e possibilitando a construção de parâmetros específicos para o formato vertical, garantindo uma experiência mais inclusiva para a comunidade surda.

Palavras-chave: acessibilidade digital, legendagem automática, surdos, vídeos verticais.

Referências

ASSIS, Í. A. P. **A influência do número de linhas e da velocidade no processamento de legendas por surdos e ouvintes:** um estudo experimental com rastreador ocular. 2021. 256 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2021.

MONTEIRO, S. M. M. **Legendagem para surdos e ensurdecidos (LSE) e legendagem para ouvintes:** um estudo sobre a segmentação e a velocidade na legendagem da campanha política de 2010. 2016. 234 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016.

NAVES, S. B.; MAUCH, C.; ALVES, S. F.; ARAÚJO, V. L. S., org. **Guia Para Produções Audiovisuais Acessíveis.** Brasília: Secretaria do Audiovisual do Ministério da Cultura, 2016.

VIEIRA, P. A. **A Influência da Segmentação e da Velocidade na Recepção de Legendas para Surdos e Ensurdecidos (LSE).** 2016. 244 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016.

LEGENDAGEM HUMANA E LEGENDAGEM AUTOMÁTICA PÓS-EDITADA: análise da percepção de qualidade pela audiência

Arlene Koglin (Universidade Federal de Pernambuco)

e-mail: arlene.koglin@ufpe.br

A pós-edição de tradução automática (MTPE) aplicada à tradução audiovisual tem sido sucessivamente introduzida no mercado (Georgakopoulou & Bywood, 2014; Georgakopoulou, 2019; AVTE, 2021). Da mesma forma, no âmbito acadêmico, tem se observado um aumento no número de pesquisas sobre legendagem e MTPE, principalmente para avaliar sua qualidade (Robert & Remael, 2016; Pedersen, 2017; Szarkowska et al., 2021; Koglin et al., 2022; Koglin et al., 2023). Com base nisso, este estudo investigou os impactos da legendagem automática pós-editada na percepção da qualidade. Mais especificamente, objetivou-se i) examinar como o uso da legendagem automática pós-editada afeta a qualidade das legendas em termos de parâmetros linguísticos e técnicos, além de ii) analisar os critérios de qualidade a partir da perspectiva da recepção. Para atingir esses objetivos, foram recrutados 12 alunos de graduação do curso de Letras. Seis deles assistiram a um trailer legendado manualmente (grupo controle) e outros seis assistiram a um trailer com legendagem automática pós-editada (grupo experimental). Nenhum dos grupos foi informado sobre o tipo de legenda utilizada (manual ou pós-editada). Registramos os movimentos oculares de ambos os grupos enquanto assistiam ao trailer do filme. Em seguida, foi solicitado aos participantes que preenchessem uma escala Likert para avaliar a percepção de qualidade das legendas e respondessem a um protocolo verbal retrospectivo com perguntas sobre parâmetros linguísticos e técnicos. Para esta análise, foram utilizadas as respostas da escala Likert e as respostas dos protocolos verbais retrospectivos. Nossos resultados mostraram que não houve diferença significativa entre os grupos controle e experimental em termos de qualidade percebida ($Z=,00$, $p = 1,0$). Em relação aos parâmetros técnicos, o grupo experimental relatou um número ligeiramente maior de problemas relacionados à segmentação e a *spotting*. Por outro lado, o grupo controle apontou a ocorrência de problemas referentes à velocidade (caracteres por segundo). Já em relação aos aspectos linguísticos, ambos os grupos relataram problemas relativos à omissão e à escolha lexical. De forma geral, os resultados sugerem que a pós-edição de legendagem automática pode impactar na qualidade percebida em termos de legibilidade (ou seja, problemas técnicos), possivelmente devido à imprecisão do *autospotting* (Karakanta et al., 2022).

Palavras-chave: legendagem humana, legendagem automática, pós-edição, percepção de qualidade, recepção

Referências

AUDIOVISUAL TRANSLATORS EUROPE (AVTE). **AVTE Machine translation manifesto**, 2021. Disponível em: http://avteurope.eu/wp-content/uploads/2021/09/Machine-Translation-Manifesto_ENG.pdf.

GEORGAKOPOULOU, P. Technologization of audiovisual translation. In: PÉREZ-GONZÁLEZ, L. (Ed.), **The Routledge handbook of audiovisual translation**, Routledge, pp. 516–539, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.4324/9781315717166-32>.

GEORGAKOPOULOU, P.; BYWOOD, L. MT in subtitling and the rising profile of the post-editor. **Multilingual**, v. 25, n. 1, p. 24-28, 2014.

KARAKANTA, A.; BENTIVOGLI, L.; CETTOLO, M.; NEGRI, M.; TURCHI, M. Post-editing in automatic subtitling: A subtitlers' perspective. **Proceedings of the 23rd Annual Conference of the European Association for Machine Translation**, p. 261-270, 2022. Disponível em: <https://aclanthology.org/2022.eamt-1.29>.

KOGLIN, A.; MOURA, W. H .C.; MATOS, M. A.; SILVEIRA, J. G. P. Quality assessment of machine-translated post-edited subtitles: an analysis of Brazilian translators' perceptions. **Linguistica Antverpiensia, New Series: Themes in Translation Studies**, v. 22, p. 41-60, 2023.

KOGLIN, A.; SILVEIRA, J. G. P.; MATOS, M. A.; SILVA, V. T. C.; MOURA, W. H .C. Quality of post-edited interlingual subtitling: FAR model, translator's assessment and audience reception. **Cadernos de Tradução**, v. 42, n. 1, p. 1-26, 2022. <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2022.e82143>

PEDERSEN, J. The FAR model: Assessing quality in interlingual subtitling. **The Journal of Specialised Translation**, v. 28, p. 210-229, 2017. Disponível em: https://jostrans.org/issue28/art_pedersen.pdf.

ROBERT, I.; REMAEL, A. Quality control in the subtitling industry: An exploratory survey study. **Meta**, v. 61, n. 3, p. 578-605, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.7202/1039220ar>.

SZARKOWSKA, A.; DÍAZ CINTAS, J.; GERBER-MORÓN, O. Quality is in the eye of the stakeholders: what do professional subtitlers and viewers think about subtitling? **Universal Access in the Information Society**, v. 20, p. 661–675, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10209-020-00739-2>.

LEGENDAGEM PARA SURDOS E ENSURDECIDOS (LSE) NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA SURDOS

*Mariana Costa Araújo (Universidade Estadual do Ceará)
e-mail: mariana.letraslibras@gmail.com*

Este estudo pretende analisar de qual maneira o uso de recursos audiovisuais legendados com Legendagem para Surdos e Ensurdecidos (LSE) pode contribuir no percurso do ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa Brasileira (LP), como segunda língua (L2), para alunos surdos do Ensino Fundamental anos finais. A pesquisa busca observar como o recurso contribui para o aprendizado de LP para surdos, tendo em vista que recursos audiovisuais legendados, com legenda para ouvintes (LO), são usados para o ensino de línguas adicionais, e seus resultados são respaldados por pesquisas (Gomes, 2016; Araújo, 2008), além de já terem sido propostos para o ensino de L3 para surdos (Monteiro; Vieira; Sousa, 2021). A fundamentação teórica está ancorada nos estudos da Tradução Audiovisual Acessível (TAVa), com foco na LSE (Díaz Cintas; Remael, 2008), e no bilinguismo na educação de surdos, que reconhece a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como primeira língua (L1) e o português como L2 (Quadros; Schmiedt, 2006). A metodologia adotada é de natureza aplicada e qualitativa (Gil, 2002). A pesquisa-ação e a pesquisa exploratória são os procedimentos metodológicos adotados, com a aplicação de atividades didáticas que integram recursos audiovisuais legendados e atividades de leitura e escrita em português, em uma proposta de curso para o ensino de português como L2 para surdos. O corpus de análise consiste em respostas de 15 alunos surdos, estudantes de uma escola bilíngue em Fortaleza, Ceará, após a visualização de desenhos animados legendados com LSE. Os instrumentos de coleta de dados incluem questionários, atividades de interpretação e observações em sala de aula. Os resultados parciais, na fase de pesquisa bibliográfica, trazem-nos a hipótese de que o recurso audiovisual com LSE pode ser percebido como um recurso de ensino que integra elementos textuais e visuais dentro de contextos reais. A pesquisa busca contribuir para o desenvolvimento de práticas educativas mais inclusivas e eficazes, alinhadas às demandas da comunidade surda por materiais acessíveis e contextualizados (Brasil, 2021).

Palavras-chave: legendagem para surdos ensurdecidos, recursos audiovisuais, surdos, Libras.

Referências

ARAÚJO, V. L. S. O uso de filmes legendados no ensino/aprendizagem de língua inglesa. *In: FREITAS, A. C. de; RODRIGUES, L. de O.; SAMPAIO, M. L. P. (Org.). Linguagem, discurso e cultura: múltiplos objetos e abordagens.* Mossoró: Queima Bucha, 2008. v. 1. p. 163-177.

BRASIL. **Lei nº 14.191, de 03 de agosto de 2021.** Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-14.191-de-3-de-agosto-de-2021-336083749>. Acesso em 31 jan. 2024.

DÍAZ CINTAS, J.; CRUZ, M. F. Using subtitled video materials for foreign language instruction. *In: DÍAZ CINTAS, J. (Org.) The didactics of audiovisual translation.* Amsterdam: John Benjamins, 2008. p. 201-214.

GIL, A. C. Como classificar as pesquisas. *In: GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa.* 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, F. W. B. **Filmes legendados e o ensino de línguas adicionais:** um breve panorama sobre as pesquisas no Brasil. *Horizontes de Linguística Aplicada*, ano 15, n. 1, 2016.

MONTEIRO, S. M. M.; VIEIRA, P. A.; SOUSA, A. N. de. A LSE como ferramenta de ensino de Língua Inglesa para surdos: uma proposta de atividade didática. *In: Linguagem em Foco*, v.15, n. 2, 2023. p. 79-99. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/10600>.

QUADROS, R. M. de.; SCHMIEDT, M. P. **Educação de Surdos:** A aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed, 2006.

LEGENDAGEM PARA SURDOS E ENSURDECIDOS (LSE) PARA O CURTA METRAGEM “GERI’S GAME”, DA PIXAR COMO ATIVIDADE DA DISCIPLINA EXTENSIONISTA “PRÁTICA DA TRADUÇÃO: Audiovisual

*Thiago Henrique de Oliveira - Centro Universitário Sagrado Coração
Atalita Íris Ferreira Incao - Centro Universitário Sagrado Coração
e-mails: th.oliveira1582@outlook.com / atalitaincao@gmail.com*

Este relato tem como proposta descrever o processo de legendagem para surdos e ensurdecidos (LSE) desenvolvido em sala de aula, desde a escolha do curta metragem até o produto final. O curta escolhido foi o “Geri’s Game” (O Jogo de Gary), da Pixar, que estreou em 1997 em conjunto com o segundo filme animado do estúdio “Vida de Inseto”. Em 1998, ganhou o Oscar como “Melhor Curta-metragem de Animação”. O curta se passa em um parque e conta a história de um simpático velhinho chamado Geri, que joga xadrez contra ele mesmo. Durante o curta, são apresentadas duas personalidades do Gary, uma mais assertiva e debochada e a outra mais insegura e cautelosa. O curta, que não apresenta diálogos, tem como base o duelo de Gary com ele mesmo até chegar no clímax, resultando em uma das personalidades como vencedora. Na concepção de Jakobson (1995), dentro dos Estudos da Tradução, há três vertentes da tradução: interlinguística (texto de partida e chegada em línguas diferentes); intralinguística (texto de partida e chegada na mesma língua); e intersemiótica (texto de partida e chegada em meios semióticos diferentes, do visual para o verbal ou vice-versa). A LSE, tradução das falas de uma produção audiovisual em forma de texto escrito, portanto, se enquadra como modalidade de tradução intersemiótica. Essa modalidade conta ainda com a identificação de personagens e efeitos sonoros, que devem ser descritos sempre que necessário (Naves et al, 2016). Assim como a legendagem, a LSE segue parâmetros: número de linhas, velocidade, formato, marcação (início e final das legendas), tempo de permanência na tela, convenções e posição das legendas. Em relação ao número de linhas, empresas de legendagem adotam que a legenda deve ter no máximo duas linhas, as quais devem ter no máximo 37 caracteres cada uma (Naves et al, 2016). O software de legendagem utilizado foi o “Subtitle Edit”. Durante o processo de tradução, indicamos os efeitos sonoros relevantes para a compreensão da narrativa fílmica, buscando ajustar a quantidade de caracteres ao tempo de duração de cada cena na tela. Segundo Leske (2022), a prática extensionista se realiza pela articulação da instituição com a sociedade, em busca da transformação social. A partir disso, as modalidades de Tradução Audiovisual Acessível nas disciplinas da graduação promovem uma sensibilização dos estudantes de Tradução quanto à importância de produções audiovisuais acessíveis para todos.

Palavras-chave: Acessibilidade, Tradução Audiovisual Acessível, Legendagem para Surdos e Ensurdecidos, Prática extensionista.

Referências

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1995.

LESKE, Samanta Ramos dos Santos. **Proposta de componente curricular específico de extensão para os cursos superiores de tecnologia**: introdução à prática extensionista / Samanta Ramos dos Santos Leske; orientador, Leandro Rafael Pinto. – Curitiba: Instituto Federal do Paraná, 2022. – 52 p. Disponível em: [PráticasExtensionistas.pdf](#). Acesso em: 12 mar. 2025.

NAVES, S. B.; MAUCH, C.; ALVES, S. F.; ARAÚJO, V. L. S. **Guia para Produções Audiovisuais Acessíveis**. Brasília: Ministério da Cultura/Secretaria do Audiovisual, 2016. Disponível em: [Guia-para-Producoes-Audiovisuais-Acessiveis-com-audiodescricao-das-imagens-1.pdf](#). Acesso em: 12 mar. 2025.



Sessão 05

Várias temáticas

A AUDIODESCRIÇÃO (AD) COMO PRÁTICA INCLUSIVA NA TRADUÇÃO AUDIOVISUAL

*Felipe Lorca - Centro Universitário Sagrado Coração
Livia Clara Carvalho Picinin - Centro Universitário Sagrado Coração*

e-mails: feliplorca7@gmail.com / lilipicinin2014@gmail.com

Este relato visa apresentar e discutir o processo de produção da audiodescrição (AD) do curta-metragem de animação *La Luna* (2011), dirigido por Enrico Casarosa e produzido pela Disney Pixar. Trata-se de uma animação que retrata um momento entre um pai, um filho e um avô, realizando uma atividade aparentemente tradicional em família, coletando estrelas que formam as fases da lua em uma história fictícia. O projeto de AD foi realizado por estudantes do curso de graduação em Letras – Tradutor, durante a disciplina de cunho extensionista *Prática da Tradução: Audiovisual*. A elaboração do roteiro seguiu diretrizes disponíveis no Guia orientador para acessibilidade de produções audiovisuais (NAVES et al., 2016) e a narração foi feita no Núcleo de Produção Multimídia do UNISAGRADO. Os estudantes foram supervisionados por uma docente, no segundo semestre de 2024, e o curta com AD foi apresentado na IV Mostra de Produtos Audiovisuais Acessíveis no UNISAGRADO. Esse evento, que finaliza as atividades da disciplina, é aberto para o público interno e externo, com entrada gratuita. Além de relatar a experiência enriquecedora da prática de AD na tradução audiovisual, busca-se, por meio deste relato, discutir a importância e a necessidade da experiência com essa modalidade de tradução como recurso de tecnologia assistiva durante a graduação no curso de Letras – Tradutor. O debate, no que se refere à acessibilidade, é fundamental para qualquer âmbito profissional e acadêmico, de forma que a práxis exista de maneira abrangente e acolhedora. Considera-se que, a atividade prática relatada, auxilia na conceituação do que seria a AD na área de tradução audiovisual, como uma subárea da tradução com foco em textos visuais, de certa forma uma modalidade de tradução intersemiótica e uma forma de comunicação acessível, sendo um recurso de acessibilidade (ENAP, 2020; SILVA, 2021). Justamente entendendo o seu potencial acessível, com a prática exercida no curta-metragem audiodescrito, inferimos que a necessidade da utilização de cada vez mais tecnologias assistivas, como a audiodescrição, são essenciais na integração da prática de inclusão social no cotidiano, em específico no consumo cultural, e podem ser empregadas num caráter de exploração de significado e entendimento da modalidade artística audiovisual (CARVALHO, 2017; QUEIROZ, 2023). Em específico, no que se refere à prática relatada, trata-se de ação imprescindível que deve se tornar rotineira em eventos culturais. Além disso, contribui para a formação do estudante de tradução, uma vez que proporciona uma vivência próxima do público-alvo.

Palavras-chave: Audiodescrição, Acessibilidade, Tecnologia Assistiva, Tradução Audiovisual.

Referências

CARVALHO, Marielle Duarte. **Educação Arte e Inclusão**: audiodescrição como recurso artístico e pedagógico para a inclusão das pessoas com deficiência. Dissertação de mestrado em Educação. Dourados, MS: UFGD, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/handle/prefix/1159>. Acesso em: 15 fev. 2025.

ENAP (Brasil). Escola Nacional de Administração Pública (ed.). **Introdução a Audiodescrição**. Brasília: Enap, 2020. 28 p. Acesso em: 15 fev. 2025.

LA LUNA. Direção de Enrico Casarosa. Roteiro: Enrico Casarosa. Annecy (França): Pixar Animation Studios/Walt Disney Pictures, 2011. (7 min.), son., color. Disponível em: <https://www.disneyplus.com/pt-br/movies/la-luna/372ZAYaXo1xh>. Acesso em: 14 fev. 2025.

NAVES, Sylvia Regina Bahiense *et al.* **Guia orientador para acessibilidade de produções audiovisuais**. Brasília, DF: Minc, 2016. Disponível em: https://www.camara.gov.br/internet/agencia/pdf/guia_audiovisuais.pdf. Acesso em: 12 jan. 2025.

QUEIROZ, Danilo. **Audiodescrição explora o potencial significativo das imagens transformadas em palavras**: curso on-line e gratuito discute ambientação sonora, tecnologias assistivas e comunicação inclusiva; prazo de inscrições se encerra próximo domingo, 6 de agosto. 08 ago. 2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/diversidade/audiodescricao-explora-o-potencial-significativo-das-imagens-transformadas-em-palavras/>. Acesso em: 15 fev. 2025.

SILVA, Manoela Cristina; BARROS, Alessandra. Para além do visível: pela adoção de um paradigma emancipatório em audiodescrição. **Cadernos de Tradução**, [S. l.], v. 41, n. 2, p. 66–84, 2021. DOI: 10.5007/2175-7968.2021.e71544. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/71544>. Acesso em: 15 fev. 2025.

DESAFIOS NA AUDIODESCRIÇÃO DA OBRA “O MENINO, A TOUPEIRA, A RAPOSA E O CAVALO”: gravação e edição

Beatriz Carvalho Genebra - Centro Universitário Sagrado Coração

Lídia Dobon Pardini - Centro Universitário Sagrado Coração

e-mails: genebrabeatriz@gmail.com / lidiapardini@gmail.com

Este relato de experiência tem como objetivo descrever o processo de tradução audiovisual acessível realizado durante a disciplina extensionista Prática da Tradução III: Audiovisual. O curta-metragem escolhido para o desenvolvimento da audiodescrição (AD) foi *O Menino, a Toupeira, a Raposa e o Cavalo*. Durante a disciplina foi possível que os estudantes tivessem contato com a prática da audiodescrição e, assim, ampliar a acessibilidade da obra. Segundo Nunes (2023), a audiodescrição consiste na tradução intersemiótica de imagens em palavras, permitindo que pessoas cegas ou com baixa visão compreendam o conteúdo visual de uma obra. Para tornar a exibição do curta-metragem mais inclusiva, escolheu-se uma narrativa com temática leve e positiva, adequada a diferentes faixas etárias. O roteiro da AD foi elaborado pelos membros do grupo, seguindo as diretrizes da *Norma Técnica Brasileira NBR 15599*, que estabelece princípios e recomendações para a criação desse tipo de recurso. Após a revisão da professora da disciplina, o roteiro foi gravado no Núcleo de Produção Multimídia do Centro Universitário Sagrado Coração. A primeira versão foi apresentada a usuários do Lar Santa Luzia para Cegos, em Bauru (SP), como forma de testar a recepção do conteúdo. Durante essa exibição, os participantes sugeriram ajustes na entonação da narração e na temporalidade das descrições, apontando momentos em que a audiodescrição se sobrepuja a diálogos ou elementos sonoros importantes da obra. Com base nessas considerações, o roteiro foi revisado e uma nova gravação foi realizada. Nesse segundo momento, a narradora realizou ensaios prévios, exercícios de aquecimento vocal e de dicção, buscando maior clareza e naturalidade na locução. Durante a gravação, a estudante responsável pela edição final acompanhou a narração, garantindo que a sincronização entre voz e cenas fosse adequada. Por fim, a versão final da audiodescrição foi apresentada na Mostra de Produtos Audiovisuais Acessíveis, evento realizado no Centro Universitário Sagrado Coração como encerramento da disciplina extensionista. A iniciativa demonstrou a importância de produções acessíveis e da validação do conteúdo por usuários com deficiência visual, destacando o papel da audiodescrição na promoção da inclusão cultural.

Palavras-chave: Audiodescrição, Acessibilidade, Tradução.

Referências

A AUDIODESCRIÇÃO e o uso dos seus princípios nas descrições informais. **Instituto Federal da Paraíba**, 20 jul. 2021. Disponível em: <https://www.ifpb.edu.br/assuntos/fique-por-dentro/a-audiodescricao-e-o-uso-dos-seus-principios-nas-descricoes-informais>. Acesso em: 23 fev. 2025.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **Acessibilidade - Comunicação na prestação de serviços**. Rio de Janeiro, 25 ago. 2008. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/pessoa_com_deficiencia/NBR15599.pdf. Acesso em: 23 fev. 2025.

NUNES, L. S. Tradução Audiovisual para Acessibilidade: A Importância da Audiodescrição para Pessoas Inclusas no Espectro Autista (Tea). In: FELIPINI, L.M.G. (Org.). **Estudos da Tradução e Ensino de Línguas: pesquisas na graduação**. Bauru: Centro Universitário Sagrado Coração, 2023. P. 13-32. Disponível em: https://repositorio.unisagrado.edu.br/jspui/bitstream/handle/1998/1/ESTUDOS_DA_TRADU%c3%87%c3%83O_E_ENSINO_DE_L%c3%8dNGUAS_pesquisas_na_gradua%c3%a7%c3%a3o.pdf. Acesso em: 23 fev. 2025.

DESENHO DE UMA INTERFACE POSSÍVEL: as relações entre a acessibilidade e a inclusão e o campo das Relações Públicas e da Comunicação Organizacional

Guilherme Ferreira de Oliveira (Universidade Estadual Paulista)
Roseane Andrelo (Universidade Estadual Paulista)
e-mails: guilherme.f.oliveira@unesp.br / roseane.andrelo@unesp.br

Este trabalho objetiva esboçar as áreas emergentes da intersecção entre a Acessibilidade e a Inclusão e o campo das Relações Públicas e da Comunicação Organizacional, sob a premissa de que estas podem gerar uma nova interface. Para tal, realiza-se pesquisa bibliográfica, com a técnica de revisão narrativa da literatura (Rother, 2007). A revisão narrativa é uma técnica baseada na inclusão narrativa-discursiva de trabalhos para a delimitação de possibilidades acadêmicas, práticas e teóricas a partir da literatura existente escolhida subjetivamente. Este trabalho apresenta um recorte de uma pesquisa de doutorado em andamento, em fase inicial, portanto, os resultados são parciais e preliminares. A partir da literatura levantada, tem-se que a Acessibilidade e a Inclusão se interseccionam com as Ciências da Comunicação e formam, a partir desta interface, dois campos, reconhecidos internacionalmente e emergentes no Brasil: 1) os Media Accessibility (MA) (Acessibilidade Midiática) (Greco; Jankowska, 2020) e 2) os Estudos de Mídia e Deficiência (Ellcessor; Hagood; Kirkpatrick, 2021). Nas Ciências da Comunicação existem alguns campos, como o Jornalismo, o Audiovisual, a Publicidade e a Propaganda, e o campo das Relações Públicas e da Comunicação Organizacional. Busca-se, assim, interseccionar este último com os campos emergentes mencionados anteriormente. Tem-se, portanto, como resultado desta intersecção, a partir da literatura: a) recursos de acessibilidade na comunicação nas mídias digitais sociais, enquanto espaços de Relações Públicas e Comunicação Organizacional (Moreira; Oliveira; Maciel, 2024; Souza, 2024; Luvizotto; Magalhães, 2023; Sá; Massuchin, 2021; Magalhães; Maciel, 2021); b) acessibilidade em eventos, como uma prática de Relações Públicas (Lacerda; Brennand; Freitas, 2024); c) representação das pessoas com deficiência na comunicação e nos discursos organizacionais (Coêlho; Mustafé, 2022; Pessoa; Mantovani; Costa, 2020; Barretos; Medeiros; Paula, 2020); d) as Relações Públicas em prol da mobilização de pessoas com deficiência (Salvatori, 2021); e) acessibilidade enquanto item integrante de planejamentos de comunicação e Relações Públicas (Altevogt; Hiwatashi, 2021; Oliveira; Maciel, 2024); f) mobilização de influenciadores com deficiência (Lacerda; Brennand; Freitas, 2024; Silva; Pereira, 2023); g) parcerias institucionais com Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIPs) de pessoas com deficiência (Silva, 2024); h) ensino de Acessibilidade e Inclusão em cursos de Relações Públicas (Oliveira; Ferreira; Paiva, 2024; Oliveira; Maciel, 2024); i) acessibilidade e inclusão no ambiente organizacional, a partir da comunicação interna (Oliveira, 2024; Gomes, 2023; Oliveira; Escarabello Junior; Maciel, 2023; Pereira; Figueiró, 2020; Silveira; Pereira; Barcelos, 2014).

Palavras-chave: acessibilidade, comunicação organizacional, inclusão; relações públicas.

Referências

ALTEVOGT, G. M. R.; HIWATASHI, E. Relações Públicas na construção de uma comunicação acessível para deficientes visuais em uma organização da Serra Gaúcha: O caso do Esculturas Parque Pedras do Silêncio. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 44, online, 2021. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2021. Disponível em: <https://bitly.com/iHISRY>. Acesso em 20 dez. 2021.

BARRETOS, L. S.; MEDEIROS, C. R. O.; PAULA, V. A. Podem as pessoas com deficiência consumir? A representação incidental na Publicidade e Propaganda. **Revista Gestão e Planejamento**, v. 21, p. 416-437, 2020.

COÊLHO, T. F.; MUSTAFÉ, I. S. M. Diversidade ou manutenção de estruturas de poder? Reflexões sobre a comunicação organizacional do MMFDH. **Organicom**, v. 19, n. 38, 2022.

ELLCESSOR, E.; HAGOOD, M.; KIRKPATRICK, B. Rumo a um campo de Estudos de Mídia e Deficiência. **Culturas Midiáticas**, v. 15, p. 32, 2021.

GOMES, G. T. **Comunicação interna e acessibilidade: estratégias e ações em Relações Públicas**. 2023. 107 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Relações Públicas) - Universidade Federal de Santa Maria. Frederico Westphalen. 2023.

GRECO, G. M.; JANKOWSKA, A. Media Accessibility Within and Beyond Audiovisual Translation. *In: BOGUCKI, L.; DECKERT, M. (Eds.). The Palgrave Handbook of Audiovisual Translation and Media Accessibility*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2020, p. 57-81.

LACERDA, I.; BRENNAND, J. M. A.; FREITAS, R. F. Barreiras na participação cultural de pessoas com deficiência: uma investigação qualitativa sobre o Lollapalooza Brasil (2022). **Organicom**, v. 21, n. 45, p. 326–339, 2024.

LUVIZOTTO, C. K.; MAGALHÃES, G. M. Comunicação organizacional e recursos de acessibilidade no ambiente digital: influências da pandemia de COVID-19 no Facebook do Burger King Brasil, **Contratexto**, n. 39, p. 99-117, 2023.

MAGALHÃES, G. M.; MACIEL, S. Parâmetros de Acessibilidade nas Redes Sociais: consumo das marcas por pessoas com deficiência visual no Facebook. **Culturas Midiáticas**, v. 15, p.168-188, 2021.

MOREIRA, T. B. E.; OLIVEIRA, G. F.; MACIEL, S. Protótipo de oficina de capacitação em acessibilidade visual em mídias sociais digitais. *Âmbitos*. **Revista Internacional de Comunicación**, n. 65, 2024.

OLIVEIRA, G. F. **Acessibilidade na/da comunicação interna com pessoas com deficiência visual no ambiente organizacional**. Orientadora: Suely Maciel. 2024. 157 f. Dissertação (Mestrado em Mídia e Tecnologia) - Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design. Bauru. 2024.

OLIVEIRA, G. F.; ESCARABELLO JUNIOR, J. R.; MACIEL, S. O papel das Relações Públicas e da Comunicação na inclusão de pessoas com deficiência nas organizações: uma revisão sistemática. **Revista Internacional de Relaciones Públicas**, v. 13, n. 26, p. 21–40, 2023.

OLIVEIRA, G. F.; MACIEL, S. Acessibilidade para a cidadania nas organizações:: um olhar do papel das Relações Públicas com pessoas com deficiência. **Culturas Midiáticas**, v. 22, 2024.

OLIVEIRA, J. R.; FERREIRA, H. P. H.; PAIVA, J. M. F. Abordagens da acessibilidade e da inclusão nos bacharelados em Relações Públicas em universidades públicas brasileiras. **Revista Internacional de Relaciones Públicas**, v. 14, n. 27, p. 87–104, 2024.

PEREIRA, A. C. P.; FIGUEIRÓ, G. A. The Communicational Dimension for the Inclusion of People with Disabilities in Organization. **Développement Humain, Handicap et Changement Social**, v. 26, n. 1, p. 49–62, 2020.

PESSOA, S. C.; MANTOVANI, C. M. C. A.; COSTA, V. S. da. Corpos pós-humanos e com deficiência em ambientes digitais: abordagens transversais a partir da hashtag #somostodosparalímpicos. **E-Compós**, v. 23, 2020.

ROTHER, E. T. Systematic literature review X narrative review. **Acta Paul Enferm.**, v. 20, n. 2, p. v-vi, 2007.

SALVATORI, P. **Ativismo em um mundo (im)perfeito: relações públicas e cidadania para pessoas com deficiência**. 2021. 225 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

SÁ, C. N.; MASSUCHIN, C. G. Acessibilidade Digital das Universidades Federais Brasileiras: uma perspectiva das relações públicas. In: CONGRESSO BRASILEIRO CIENTÍFICO DE COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL E DE RELAÇÕES PÚBLICAS, 15, 2021, online. **Anais [...]**. São Paulo: Abrapcorp, 2021. Disponível em: <http://portal.abrapcorp2.org.br/wp-content/uploads/2021/07/sff-73.pdf>. Acesso em 02 fev. 2022.

SILVA, M. G. **O papel das Relações Públicas em ações de patrocínio para instituições de pessoas com deficiência**. Orientador: Suely Maciel. 2024. 32 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Relações Públicas) - Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Bauru, 2024.

SILVA, R. V.; PEREIRA, A. C. C. As percepções de corpo e performatividades da sexualidade de pessoas com deficiência a partir da perspectiva da produtora e dos consumidores dos conteúdos gerados no perfil @janeladapatty no Instagram. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 46º, 2023, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: Intercom, 2023. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/267288/001187888.pdf?sequence=1>. Acesso em 10 jan. 2025.

SILVEIRA, A.; PEREIRA, A. C. C.; BARCELOS, I. A Comunicação Organizacional e as pessoas com deficiência: questões de estigmas e preconceitos. *In: CONGRESSO BRASILEIRO CIENTÍFICO DE COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL E DE RELAÇÕES PÚBLICAS*, 8, 2014, Londrina. **Anais [...]**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/download/anais/9788539705603.epub>. Acesso em 09 mar. 2021.

SOUZA, A. M. F. **Hábitos de consumo e acesso à conteúdos visuais nas mídias sociais: apontamentos de um grupo focal com públicos com deficiência**. Orientadora: Suely Maciel. 2024. 32 f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Relações Públicas) - Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Bauru, 2024.

AUDIODESCRIÇÃO NO JORNALISMO DIGITAL: democratização da informação

*Gabrielly Nicolly dos Santos Silva Morais - Centro Universitário Sagrado Coração
Laura dos Santos Bardella - Centro Universitário Sagrado Coração
e-mails: gabriellynicollymorais@gmail.com / laurabardella.sts@gmail.com*

A acessibilidade é um direito garantido pelo Estatuto da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015) e pela Constituição Federal de 1988. Inicialmente, os movimentos em defesa das pessoas com deficiência focavam na ideia de que elas deveriam se reabilitar para se adaptar ao ambiente. Entretanto, na perspectiva contemporânea, é a sociedade que precisa se reorganizar e adotar práticas inclusivas para atender à diversidade e garantir a plena participação de todos. No contexto jornalístico dessa abordagem, a inclusão de recursos acessíveis nos meios digitais ainda é limitada, conforme estudo do Google News Initiative (GNI, 2021) 90,6% das pautas não contemplam pessoas cegas ou com baixa visão, apenas 37,7% dos jornalistas já produziram conteúdos acessíveis e 98,1% das redações não possuem profissionais com deficiência visual. Nesse viés, esta pesquisa objetiva investigar a audiodescrição (AD) como uma possível ferramenta para ampliar e democratizar o acesso à informação. Com isso, analisa-se o documentário “Holocausto em Auschwitz: brasileiro descreve horrores do campo de concentração”, publicado pela BBC News Brasil no YouTube em 23 de janeiro de 2020, que, apesar de suas 7,8 milhões de visualizações, não disponibiliza recursos acessíveis para pessoas com deficiência visual, tornando sua compreensão parcial ou inviável para esse público. A pesquisa propõe a elaboração de um roteiro adaptado de audiodescrição, seguindo as diretrizes do Guia Para Produções Audiovisuais Acessíveis, de modo a viabilizar a inclusão desse recurso na narrativa audiovisual. Os resultados parciais evidenciam a falta de acessibilidade em conteúdos jornalísticos e a necessidade de maior conscientização por parte dos veículos de comunicação. A ausência de audiodescrição em produções audiovisuais compromete a equidade no acesso à informação e reforça barreiras à inclusão. Dessa forma, além de produzir um roteiro acessível para o vídeo analisado, a pesquisa busca sensibilizar os profissionais da área e incentivar a adoção da audiodescrição em conteúdos jornalísticos. Para ampliar o impacto da iniciativa, a versão adaptada do vídeo será compartilhada com graduandos de Comunicação do UNISAGRADO, usuários do Lar Escola Santa Luzia para Cegos e a própria BBC News Brasil, fomentando a reflexão sobre a importância da acessibilidade no jornalismo digital e incentivando mudanças estruturais na produção de conteúdo audiovisual.

Palavras-chave: acessibilidade, audiodescrição, jornalismo digital.

Referências

Audiovisuais Acessíveis. Disponível em: <https://inclusao.enap.gov.br/wp-content/uploads/2018/05/Guia-para-Producoes-Audiovisuais-Acessiveis-com-audiodescricao-das-imagens-1.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2024.

BBC NEWS BRASIL. Expediente. **BBC**, 11 jul. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/ce5rvednerpo>. Acesso em: 27 março de 2024.

BRASIL. Estatuto da Pessoa com Deficiência. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 05 abril de 2024.

CAMPELO, I. **Acessibilidade jornalística – um problema que ninguém vê - Marco Zero Conteúdo**. Disponível em: <https://marcozero.org/acessibilidade-jornalistica-um-problema-que-ninguem-ve/>. Acesso em: 28 mar. 2024.

O PAPEL DO TRADUTOR NO SUCESSO DO GRUPO BTS: uma análise da tradução de letras de canções do septeto

*Giovana Barbosa Guerra - Centro Universitário Sagrado Coração
Leila Maria Gumushian Felipini - Centro Universitário Sagrado Coração
e-mails: giovanaguerra39@gmail.com / leila.felipini@unisagrado.edu.br*

O estudo tem como objetivo analisar as traduções em inglês das letras do grupo sul-coreano BTS, investigando como diferentes estratégias tradutórias impactam a preservação da mensagem original e sua recepção pelo público global. A pesquisa busca demonstrar que o trabalho do tradutor vai além da competência bilíngue, exigindo conhecimento das especificidades linguísticas, sociais, culturais e políticas coreanas para garantir que a essência do texto original seja mantida na língua de chegada. A fundamentação teórica se baseia nos estudos de Barbosa (2004), Aixelá (1996) e Bassnett (2003), que discutem os desafios da tradução, especialmente no que se refere à adaptação de itens culturais específicos (ICEs). O estudo investiga como diferentes abordagens tradutórias, como estrangeirização, domesticação e a inserção de glossários explicativos, influenciam a fidelidade do texto traduzido e sua acessibilidade ao público-alvo. Metodologicamente, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa e comparativa, analisando traduções em inglês de letras do BTS disponíveis em plataformas diversas. O corpus inclui canções do grupo, cujas traduções são examinadas com foco na presença de ICEs, nas estratégias utilizadas para sua adaptação e no impacto dessas escolhas na recepção da mensagem. Além disso, considera-se a influência das decisões tradutórias na experiência do público internacional, especialmente em relação à compreensão dos jogos de palavras, referências culturais e metáforas presentes nas composições. Os resultados parciais indicam que as traduções analisadas apresentam abordagens diversas quanto à fidelidade ao texto original e à adaptação cultural. Algumas versões mantêm expressões coreanas acompanhadas de notas explicativas, preservando nuances culturais, enquanto outras priorizam a domesticação, tornando o texto mais acessível, mas potencialmente menos fiel à carga cultural do original. Essa análise reforça a importância do tradutor como mediador cultural, capaz de equilibrar a precisão linguística com a necessidade de tornar a mensagem compreensível para um público que não compartilha do mesmo repertório cultural. Ao explorar a relação entre tradução e globalização da música, a pesquisa evidencia o impacto da tradução na disseminação de conteúdos artísticos e culturais, destacando o papel essencial dos tradutores na construção de pontes entre idiomas e culturas.

Palavras-chave: adaptação transcultural, BTS, K-pop, mediação cultural, tradução.

Referências

AIXELÁ, J. F. Culture-specific Items in Translation. *In*: VIDAL, C.; ÁLVAREZ, R. (eds.). **Translation, power, subversion**. Clevedon: **Multilingual Matters**, 1996. p. 52-78.

BARBOSA, H. G. **Procedimentos técnicos da tradução**: uma nova proposta. Campinas (Brasil): Pontes, 2004.

BASSNETT, S. **Estudos de tradução**: fundamentos de uma disciplina. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.



O PAPEL DA TRADUÇÃO JORNALÍSTICA NA FORMAÇÃO DA OPINIÃO PÚBLICA GLOBAL

Maria Angélica Deângeli Arni - (Universidade Estadual Paulista)

Melissa Alves Baffi-Bonvino - (Universidade Estadual Paulista)

e-mails: angelica.deangeli@unesp.br / melissa.baffi@unesp.br

A globalização intensificou a integração dos mercados, com destaque para o campo da comunicação digital. O avanço tecnológico acelerou a produção e a circulação de notícias, universalizando seu acesso e ampliando significativamente a demanda por tradução. Esse fenômeno redefine a atuação de tradutores e jornalistas no século XXI, conforme aponta Hernández Guerrero (2020). Segundo a autora, as empresas de mídia não apenas utilizam a tradução para expandir seu público, mas também para controlar narrativas, alinhando-as a interesses comerciais e ideológicos. Nesse contexto, a informação transforma-se em um produto estratégico, influenciando diretamente a formação da opinião pública que, ao contrário de ser homogênea, fragmenta-se pela diversidade de grupos sociais. Este estudo analisa o impacto da tradução na construção de representações sobre a identidade brasileira, centrada na tradução da expressão “jeitinho brasileiro”, representação ambígua da identidade nacional que oscila entre a exotização e a resiliência. A análise dos dados presentes no corpus, que inclui textos jornalísticos em português, francês e inglês, são extraídos de veículos de alcance global, como The New York Times e Le Monde. A análise considera a mediação cultural necessária à tradução, entendida como um espaço de ruptura que gera diferenças (Rodrigues, 2000), ressaltando como a recontextualização das notícias influencia as percepções sobre o Brasil. Para tanto, partimos das proposições de definição presentes em bases lexicográficas do português brasileiro e também da discussão do conceito à luz de reflexões sociológicas apresentadas em DaMatta (1997), Wachelke e Prado (2017) e Souza (2015 e 2019), a fim de apreender possíveis sentidos que emergem da expressão em suas relações com os processos sociais, históricos e políticos brasileiros e de sua circulação em jornais estrangeiros.

Palavras-chave: Tradução Jornalística, Representação, Identidade.

Referências

DAMATTA, R. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

HERNANDEZ GUERRERO, M. J. 12- La traducción en la plataforma de noticias RT. *In*: WALUCH DE LA TORRE, E. et al. (Eds.). **Las lenguas ibéricas en la traducción y en la interpretación**. Varsovia: Uniwersytet Warszawski, p. 153-170, 2020.

RODRIGUES, C. C. Tradução: a questão da equivalência. **Alfa: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 44, n. esp., p. 89-98, 2000.

WACHELKE, J.; PRADO, A. M. A ideologia do jeitinho brasileiro. **Psicologia e Saber Social**, v. 6, n. 2, p. 146-162, 2017.

The background of the page is white, featuring a series of concentric, curved orange lines that sweep from the top left towards the bottom right. These lines vary in thickness and color, ranging from a deep orange to a lighter, more golden hue. In the center-right area, there is a solid orange rectangular box containing the word "Oficinas" in white, bold, sans-serif font.

Oficinas

PRINCÍPIO DE AUDIODESCRIÇÃO DE VIDEOGAMES

Larissa Pedroso de Almeida

Descrição

A oficina visa apresentar os desafios na implementação da audiodescrição nos videogames, explicar os princípios básicos para tal audiodescrição e analisar alguns dos exemplos existentes. Além disso, será proposta uma atividade prática em que os participantes farão a audiodescrição de uma cena de um jogo.

Minibiografia

Larissa Pedroso de Almeida é graduanda em Bacharelado em Letras - Tradução (Francês/Italiano) na Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". É bolsista de Iniciação Científica FAPESP, na área de Estudos da Tradução, Tradução Audiovisual e Acessibilidade. É membro do MATAV - Mídia Acessível e Tradução Audiovisual. Pesquisa sobre a audiodescrição aplicada em videogames.

DOBLAJE Y GÉNEROS AUDIOVISUALS

Gabriela Scandura

Descrição

En este taller describiremos las características de los diferentes géneros audiovisuales, veremos ejemplos y analizaremos las mejores estrategias para encarar su traducción para doblaje.

Minibiografia

Gabriela Scandura trabalha com tradução audiovisual há 30 anos e é professora nas universidades de Buenos Aires e de Montevideú. Especializou-se em dublagem, legendagem com ênfase em programas e filmes infantis, atua também em tradução para musicais, peças teatrais e festivais de cinema. Autora do livro *El español neutro en el doblaje para niños*, um livro sobre o espanhol neutro usado para dublagem de programas infantis na América Latina. Suas áreas de pesquisa são espanhol neutro, censura, programas infantis, humor e estudos cognitivos.

É RIR PARA NÃO CHORAR: Os desafios da tradução do humor na dublagem

Marun Reis

Descrição

Neste minicurso, abordaremos as técnicas básicas da tradução para dublagem, os princípios do humor e lidaremos de forma prática com alguns exemplos de programas humorísticos e suas complexidades.

Minibiografia

Marun é ativista LGBTQIAPN+, transgênero não-binário, bissexual e usa os pronomes Ele/Dele. Bacharel em Letras-Tradução pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/São José do Rio Preto) com intercâmbio na Universidad de Santiago de Compostela (USC / Santiago de Compostela - Espanha). Curioso profissional, Marun trabalha há 18 anos como Especialista em Localização, QCer e Tradutor Audiovisual para dublagem para clientes como Netflix, Amazon Prime e Discovery Channel. Em 2014, formou-se em Teatro pelo Teatro Escola Macunaíma e expandiu seu campo de atuação para os palcos e estúdios de dublagem.

AUDIODESCRIÇÃO E LEGENDAGEM NA LINGUAGEM DE FÁCIL COMPREENSÃO

Ana Laura Dias

Daniela C. Carvalho Souza

Descrição

O conceito Linguagem de Fácil Compreensão (LFC) foi escolhido pelos pesquisadores do projeto *Easy Access for Social Inclusion Training* (EASIT), como um termo guarda-chuva que abrange a Linguagem Simples e a Leitura Fácil, cujo objetivo inclui “melhorar a cognição e a acessibilidade de conteúdos audiovisuais”, como afirma Bernabé (2020, p.79) No que se refere à aplicação da LFC na audiodescrição e na legendagem, entende-se que é uma ideia recente e, na verdade, pode ser uma maneira eficaz de melhorar a compreensão de muitos produtos audiovisuais, bem como ampliar seu uso para pessoas com deficiência de leitura, intelectual ou cognitiva, além de outros usuários que podem ser beneficiar da simplificação de conteúdo por diferentes razões. Neste minicurso, abordaremos o conceito de LFC, as principais diferenças entre a audiodescrição e a legendagem tradicionais e aquelas em LFC, além de lidarmos, de forma prática, com alguns exemplos de aplicação dessa modalidade.

Minibiografias

Ana Laura Dias é mestranda em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UNESP, câmpus de São José do Rio Preto, com bolsa CAPES e FAPESP. Graduada em Tradução (Francês/Italiano) pela mesma instituição, atuou como bolsista de Iniciação Científica (FAPESP e PIBIC/Reitoria) na área de Tradução Audiovisual e legendagem. Desde 2021, integra o Grupo de Pesquisa Mídia Acessível e Tradução Audiovisual (MATAV), coordenado pela Profa. Dra. Lucinéa Marcelino Villela.

Daniela C. Carvalho Souza é mestre em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de São José do Rio Preto (2024). Graduada em Letras – Língua Portuguesa e Língua Inglesa (2002), integra o grupo de pesquisa Mídia Acessível e Tradução Audiovisual (MATAV), da UNESP de Bauru. Durante sua Pós-Graduação em Tradução, conheceu a audiodescrição, a qual tornou-se objeto de estudo de sua pesquisa de mestrado, abordando a Audiodescrição em Linguagem de Fácil Compreensão (AD LFC). Futuramente, pretende dar continuidade a sua pesquisa, como tese de doutorado.

DESIGN, ACESSIBILIDADE E INCLUSÃO

Luís dos Santos Miguel
Guilherme Cardoso Contini

Descrição

A oficina tem como objetivo traçar conexões entre o design inclusivo e a produção audiovisual acessível, a partir da apresentação de princípios e conceitos comuns a esses campos de atuação. Além disso, os palestrantes relatarão experiências práticas que tiveram no desenvolvimento de projetos que envolveram traduções audiovisuais, considerando a diversidade do público em potencial dessas obras.

Minibiografias

Luís dos Santos Miguel é doutorando em Design pelo PPGDES - FAAC/UNESP. Mestre em Design (2023) e graduado em Design Gráfico (2020) pela mesma instituição. Criador do projeto "holografia", uma iniciativa bilíngue, em Libras e em língua portuguesa, voltada para o letramento em design, arte e tecnologia.

Trabalha com design, produção audiovisual e tradução, com foco em projetos para acessibilidade.

Guilherme Cardoso Contini é doutorando em Design pelo PPGDES - FAAC/UNESP. Mestre em Mídia e Tecnologia (2021) e Designer Gráfico (2018) pela mesma instituição. Foi bolsista de Doutorado pela CAADI (Coordenadoria de Ações Afirmativas, Diversidade e Equidade) e é Docente Bolsista no Departamento de Design da UNESP. É fundador do Erótica LAB e do DIV LAB - consultoria em Diversidade, Inclusão & Design.

Trabalha com estudos sobre Gênero e Sex Design, ecossistemas práticos de criação e gestão de equipes de design.

